



**UNILASALLE**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



CRISTINE GABRIELA DE CAMPOS FLORES

**DIMENSÕES PEDAGÓGICAS DA RELIGIOSIDADE E PROTEÇÃO AO USO DE  
DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO**

CANOAS, 2016.

CRISTINE GABRIELA DE CAMPOS FLORES

**DIMENSÕES PEDAGÓGICAS DA RELIGIOSIDADE E PROTEÇÃO AO USO DE  
DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle (Unilasalle) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly

CANOAS, 2016.

CRISTINE GABRIELA DE CAMPOS FLORES

**DIMENSÕES PEDAGÓGICAS DA RELIGIOSIDADE E PROTEÇÃO AO USO DE  
DROGAS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle (Unilasalle) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly  
UNILASALLE

---

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva  
UNILASALLE

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Angela Mattar Yunes  
UNILASALLE

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Rosa da Costa  
UFCSPA

*Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Milton e Sônia,  
que me ensinaram a ter fé,  
e aos meus amados marido e filho, Luiz Felipe e Cristóvão,  
fontes de força e inspiração diária.*

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é resultado de uma jornada que não trilhei sozinha, tive o suporte de instituições e pessoas, sem as quais esta pesquisa não seria possível. Enquanto redigia este pequeno texto, cujo objetivo é registrar minha gratidão, percebi o quão afortunada sou e senti-me honrada por ter parceiros tão especiais com quem pude dividir momentos de desafios e alegrias.

Por isso, agradeço...

Ao meu marido, minha fortaleza! Maior apoiador e incentivador deste projeto.

Aos meus pais, os melhores avós que meu filho poderia ter, pelo socorro nos dias de aula e nas tardes de estudo.

Aos meus irmãos e à minha cunhada, pelo carinho e preocupação.

À minha amiga e comadre, Raquel, por estar sempre presente, suporte emocional inestimável.

Às colegas e amigas Ju, Gi e Grazi, presentes que ganhei no Mestrado. Obrigada, gurias, pelos conselhos, troca de experiências e risadas.

Ao meu orientador, Evaldo, por todo aprendizado que me proporcionou durante esta caminhada.

À Igreja do Mover, por ter aberto as portas para a realização da pesquisa.

Aos jovens participantes da pesquisa, pela disponibilidade e boa vontade que tiveram para comigo.

Aos professores que participaram da banca de qualificação, Gilberto Ferreira da Silva e Maria Angela Mattar Yunes, minha admiração e gratidão pelas sugestões e contribuições preciosas que muito me ajudaram no encaminhamento final da pesquisa.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle (PPGEdu), pelo acolhimento. Ao esforço das bibliotecárias do Unilasalle na busca e aquisição de alguns livros utilizados nesta dissertação. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pela concessão da bolsa de mestrado que possibilitou a realização desta pesquisa.

*O milagre não é dar vida ao corpo extinto,  
Ou luz ao cego, ou eloquência ao mudo...  
Nem mudar água pura em vinho tinto...  
Milagre é acreditar em nisso tudo!*

**(Mario Quintana)**

## RESUMO

Existem diversos estudos que indicam os fatores de risco relacionados ao uso de drogas, entre eles, está a adolescência, considerada um período de maior vulnerabilidade. No entanto, pesquisas atuais estão interessadas em conhecer os fatores promotores de saúde e proteção, com o objetivo de prevenir o desenvolvimento de comportamentos de risco, mesmo em situações de vulnerabilidade. Nessa perspectiva, a religiosidade vem sendo identificada como fator protetor ao uso de drogas; mas, apesar disso, pouco se sabe sobre os mecanismos causais desse importante fenômeno. Partindo desse pressuposto, a presente pesquisa buscou investigar as dimensões pedagógicas das práticas religiosas de um grupo de adolescentes pertencentes a uma igreja evangélica do município de Canoas/RS, que atuam na proteção ao uso de drogas na adolescência. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis jovens que atuam como líderes do grupo de adolescentes da instituição religiosa participante da pesquisa. Esse contexto caracteriza a pesquisa como um estudo de caso. Para a análise dos dados, utilizaram-se os princípios da *grounded-theory*, ou teoria fundamentada nos dados. Dessa forma, foram observadas quatro dimensões pedagógicas nas práticas religiosas do grupo participante da pesquisa, que poderiam atuar de maneira protetiva ao uso de drogas na adolescência. São elas: *educação para o apoio social*, *educação para a autorregulação*, *educação para o entretenimento consciente* e *educação para a espiritualidade*. Os resultados da pesquisa apontam a relevância do tema para a saúde pública e para a possibilidade da inserção das dimensões pedagógicas, encontradas nesse contexto religioso, em programas educativos de prevenção ao uso de drogas na adolescência. Por fim, destaca-se a importância da realização de estudos semelhantes em outros contextos e grupos religiosos.

Palavras-chave: Religiosidade. Drogas. Adolescência. Proteção ao uso de drogas. Canoas.

## **ABSTRACT**

There are several studies which indicate the risk factors associated to drug use; among them is a teenager, which is considered a vulnerable period. However, current researches are interested in knowing the factors that promote health and protection, in order to prevent the development of risk behaviors, even in situations of vulnerability. From this perspective, religion has been identified as a protective factor to drug use; but about it, little is known about the causal mechanisms of this important phenomenon. Based on this assumption, the present study aimed to investigate the pedagogical dimensions from religious practices of a teenagers group from an evangelical church in Canoas city/RS, acting in adolescent protection against drug use. For this, semi-structured interviews were conducted with six young men who act as adolescent group leaders in a religious research participant institution. This context characterizes the research as a case study. For data analysis, we used the principles of grounded-theory. Thus, there were four pedagogical dimensions in the participant religious practices of the research group that could act in a protective way to drug use in adolescence. They are: education for social support, education for self-regulation, education for conscious entertainment and education to spirituality. The survey results point to the importance of the topic to public health and the possibility of integrating pedagogical, found that religious context in educational programs to prevent drug use in adolescence. Finally, it highlights the importance of conducting similar studies in other contexts and religious groups.

**Keywords:** Religiosity. Drugs. Adolescence. Protection to drug use. Canoas.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Taxas de homicídios (por 100 mil) segunda faixa etária.....	16
Gráfico 2 - Idade média de primeiro uso de drogas entre 50.890 estudantes de ensino fundamental e médio das redes públicas e privadas das 27 capitais brasileiras .....	21
Quadro 1 - A estrutura organizacional da Igreja do Mover.....	36
Quadro 2 - Bases da doutrina pregada na Igreja do Mover .....	37
Quadro 3 - Exemplo de codificação aberta .....	42
Quadro 4 - Características sociodemográficas dos participantes.....	44
Figura 1 - Rede de apoio social.....	46
Figura 2 - Princípios de Moderação .....	52
Figura 3 - Atitudes erradas.....	52
Figura 4 - Atitudes certas .....	53
Figura 5 - Cuidado com influências negativas.....	57
Figura 6 - Conceito de diversão .....	59
Figura 7 - Ambientes frequentados e não frequentados pelos participantes.....	60
Figura 8 - Recursos da Fé.....	62
Figura 9 - Satisfação com a vida .....	66
Figura 10 - As dimensões pedagógicas da religiosidade e a proteção ao uso de drogas na adolescência .....	70

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>14</b>
2.1	A origem da pesquisa: inquietações pessoais e acadêmicas .....	14
2.2	Consumo e tráfico de drogas no Brasil .....	15
2.3	Adolescência.....	18
2.3.1	<i>Adolescência: consumo de drogas</i> .....	19
2.3.2	<i>Adolescência: fatores de risco ao uso de drogas</i> .....	23
2.3.3	<i>Adolescência: proteção e fatores protetores ao uso de drogas</i> .....	24
2.4	Religiosidade e espiritualidade .....	26
2.4.1	<i>Conceitos e definições</i> .....	27
2.4.2	<i>A relevância protetiva da religiosidade</i> .....	29
<b>3</b>	<b>CONTEXTO DE PESQUISA</b> .....	<b>33</b>
3.1	O contexto religioso da pesquisa: a Religião Cristã Evangélica.....	33
3.2	Características gerais do grupo participante da pesquisa .....	34
3.2.1	<i>Breve histórico da congregação e principais atividades desenvolvidas</i> .....	34
3.2.2	<i>Estrutura organizacional da Igreja do Mover</i> .....	35
3.2.3	<i>Alguns tópicos da doutrina pregada</i> .....	36
<b>4</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>38</b>
4.1	Escolha do método qualitativo .....	38
4.2	A relação da pesquisadora com o grupo participante da pesquisa .....	38
4.3	Amostra intencional.....	39
4.4	Obtenção da amostra intencional .....	39
4.5	Estrutura e aplicação das entrevistas.....	40
4.6	Análise dos dados .....	41
<b>5</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>44</b>
5.1	Características sociodemográficas dos participantes .....	44
5.2	Formação religiosa dos participantes.....	45
5.3	Entrevistas.....	45
<b>6</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>68</b>
6.1	As dimensões pedagógicas presentes nas práticas religiosas do grupo investigado .....	69
6.1.1	<i>Educação para o apoio social</i> .....	70

6.1.2 Educação para a autorregulação .....	72
6.1.3 Educação para o entretenimento consciente .....	74
6.1.4 Educação para a espiritualidade .....	75
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE 2 - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE 3 - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Devido ao processo natural de maturação biológica, social e psicológica, a adolescência<sup>1</sup> é um período complexo na vida do ser humano. Nessa fase, o indivíduo inicia a construção de sua identidade e, para isso, normalmente, afasta-se dos pais e/ou cuidadores e busca aceitação em um grupo de amigos. Também é na adolescência que o sujeito passa a explorar situações novas, começa a tomar algumas decisões sem interferência de um adulto e conquista maior liberdade para ir e vir. A imaturidade, inerente a essa fase de aprendizado, aliada à abertura à influência do meio externo, torna os adolescentes mais vulneráveis à iniciação ou ingresso no consumo de drogas.<sup>2</sup>

O uso de drogas por adolescentes viola o direito promulgado no artigo 7º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), qual seja, “[...] o direito à proteção, à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam [...]” ao adolescente desenvolver-se “[...] em condições dignas de existência [...]”, princípio reforçado pelo artigo 19, que estabelece o direito de o adolescente usufruir da “[...] convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”. Essas garantias sociais merecem, por óbvio, adequação tanto da política de atendimento à saúde pública quanto das políticas educacionais.

O artigo 81 do ECA proíbe “[...] a venda à criança ou ao adolescente [...]”, entre outros, “[...] de bebidas alcoólicas [...]” e de “[...] produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica [...]”. O artigo 243 reforça a proibição, configurando como crime punível com penas que variam de dois a quatro de prisão a quem “[...] vender, fornecer ainda que gratuitamente, ministrar ou entregar [...]” para menores de idade “[...] produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica, ainda que por utilização indevida”.

Essas proibições e respectiva penalização não impedem que crianças e adolescentes consumam tais produtos. O *V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras*, realizado pela Secretaria

---

<sup>1</sup> Esta Dissertação tomará como referência, para adolescente, a definição do artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, qual seja, “pessoa entre 12 e 18 anos de idade”.

<sup>2</sup> O termo “droga” será utilizado nesta dissertação, referindo-se a substâncias químicas que causam dependência física ou psíquica.

Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo (CEBRID/UNIFESP), revelou um cenário preocupante: o início precoce do uso de drogas lícitas e ilícitas. No documento, o então Secretário Nacional Antidrogas, Paulo Roberto Yog de Miranda Uchôa, defendeu a necessidade de

[...] criar políticas e propor ações de fiscalização efetivas que assegurem o cumprimento da legislação, bem como programas de prevenção e tratamento do uso de drogas por meio de articulações intersetoriais e de forma descentralizada com uma visão realista, e não idealizada (GALDURÓZ et al., 2004, p. 8).

Nesse contexto, uma possível alternativa foi apresentada ao final da pesquisa de Sanchez, Oliveira e Nappo (2004) sobre os fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas, que revelou a religiosidade como um poderoso fator preventivo primário, ou seja, a religiosidade protege o jovem de iniciar o consumo de drogas. Em suas conclusões, as autoras consideraram a possibilidade da introdução da espiritualidade em modelos de prevenção.

O uso de drogas por adolescentes é tema recorrente em pesquisas; contudo, conforme Sanchez e sua equipe (2004), a grande maioria dos estudos alerta sobre os fatores de risco ao uso de drogas, mas poucas produções propõem-se a discutir os fatores protetores, fundamentais para a prevenção. As pesquisas que se dedicaram a discutir a prevenção ao uso de drogas na adolescência mencionam alguns fatores protetores, entre eles, a religiosidade, que recebe destaque. Todavia, tais estudos “[...] utilizam-se de meios estatísticos para avaliar a correlação entre religiosidade e consumo de drogas, sem focar os mecanismos estruturais do fenômeno” (SANCHEZ, 2006, p. 6).

Nessa perspectiva, esta pesquisa teve como objetivo investigar as dimensões pedagógicas das práticas religiosas de um grupo de adolescentes pertencentes a uma igreja evangélica do município de Canoas/RS, que atuam na proteção ao uso de drogas na adolescência. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis jovens, com idades entre 17 e 23 anos, que exercem função de liderança no grupo de adolescentes. Os participantes da pesquisa atuam no planejamento e na execução das atividades eclesiais voltadas aos adolescentes e são membros do grupo de jovens da igreja investigada.

Para melhor compreensão dos motivos que fomentaram a presente pesquisa, será apresentada uma narrativa da pesquisadora para justificar seu interesse pessoal e acadêmico pelo tema. Em seguida, o capítulo 2 apresenta o referencial teórico desta dissertação: aborda o consumo e o tráfico de drogas no Brasil; discorre sobre o público-alvo da política pública de prevenção ao uso de drogas no país, o adolescente, e sobre os fatores de risco ao uso de drogas na adolescência; expõe, de forma sucinta, a perspectiva da doutrina da proteção integral, que estabelece a criança e o adolescente como cidadãos de direito, sujeitos à proteção prioritária; destaca algumas pesquisas que evidenciaram a relevância do fator protetivo da religiosidade; por fim, realiza uma breve discussão sobre as definições e os conceitos relacionados aos termos religiosidade e espiritualidade. O capítulo 3 apresenta o objetivo e o contexto de pesquisa, abordando as características da religião, a história e a estrutura organizacional do grupo investigado. O capítulo 4 trata das escolhas metodológicas da pesquisa: o tipo de pesquisa, a amostragem, os critérios de inclusão, a estrutura e a aplicação das entrevistas e o método para análise dos dados. Os resultados da pesquisa e a análise dos dados são apresentados no capítulo 5, seguidos pela discussão destes dados no capítulo 6. A dissertação é concluída com algumas considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A origem da pesquisa: inquietações pessoais e acadêmicas<sup>3</sup>

A escolha do tema de pesquisa e, portanto, do próprio referencial teórico, em boa medida, decorre de minhas inquietações pessoais e acadêmicas. Desse modo, justifica-se iniciar este capítulo com uma narrativa acerca de minha trajetória.

Fui criada em um lar religioso. Desde a infância, aprendi a pensar e a viver de acordo com essas crenças que, ao longo de minha vida, tornaram-se minhas crenças. Talvez por isso, durante minha trajetória como estudante na área da Educação, as questões relacionadas à dimensão espiritual do desenvolvimento humano despertaram-me um interesse especial.

As primeiras inquietações surgiram no curso de Pedagogia, quando tive contato com os estudos de James Fowler. Até então, eu não imaginava que era possível pensar sobre a espiritualidade e que a ciência poderia estudá-la. A teoria de Fowler sobre os “Estágios da Fé”, muito influenciada pelos estágios do desenvolvimento cognitivo propostos pela teoria de Piaget, permitiu-me refletir sobre o processo do desenvolvimento da espiritualidade. Passei a entender a fé como um traço comum dos seres humanos. Emergiram, assim, alguns questionamentos: Como a fé pode ser desenvolvida? Por que algumas pessoas parecem ser mais espiritualizadas que outras? Como a presença ou a falta de fé influenciam na vida de uma pessoa? O que isso tem a ver com educação? Assim, aos poucos, foram surgindo os primeiros ensaios e trabalhos sobre esses assuntos.

Durante a construção de meu Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, intitulado “A violência contra crianças e adolescentes: o desenvolvimento espiritual como potencial de resiliência”, aproximei-me dos estudos da pesquisadora Zila Van Der Meer Sanchez Dutenhefner, que evidenciam o fator protetivo da religiosidade em relação ao uso primário de drogas. Nos resultados de sua pesquisa, afirma que são necessários mais estudos sobre o tema, especialmente, sobre os mecanismos que agem na relação da religiosidade com o não uso de drogas. Esse fenômeno inquietou-me e guardei a sugestão em minhas anotações. O artigo produzido junto ao meu orientador (FLORES; PAULY, 2012) foi a primeira produção intelectual

---

<sup>3</sup> Este item foi escrito em primeira pessoa do singular devido ao seu caráter narrativo.

resultante de minha inserção inicial na pesquisa como bolsista de apoio técnico do CNPq.

O ingresso no Mestrado foi uma oportunidade para aprofundar a pesquisa sobre o fenômeno, já tendo como resultado outro artigo (FLORES; PAULY, 2014). No contexto desses primeiros passos de minha trajetória na pesquisa, esta dissertação nasceu das minhas inquietações acadêmicas pelo tema da fé religiosa, impulsionado pela relevância de seu potencial como fator preventivo e protetivo frente ao problema do uso de drogas na sociedade brasileira.

## **2.2 Consumo e tráfico de drogas no Brasil**

A história demonstra que algumas pessoas ou grupos humanos utilizaram substâncias capazes de alterar seu estado de consciência para fins culturais, ritualísticos, medicinais, religiosos, afrodisíacos, bélicos, entre outros. Em alguns casos, para determinadas personalidades, o uso dessas substâncias produzia sensação de alívio para as angústias geradas pela própria existência e condição da vida humana. Com a ascensão do modelo capitalista de produção, as drogas deixaram de ser utilizadas apenas para consumo e passaram a ser negociadas como mercadoria (PEDRINHA, 2008). No entanto, mercadorias com tais características não poderiam ser submetidas aos controles da sociedade e do estado democrático de direito, o que provocou o surgimento do tráfico ilegal de drogas, mantido pelo crime organizado, gerando uma economia ilegal. De acordo com pesquisas da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Fundo Monetário Internacional (FMI), o narcotráfico movimentava em torno de US\$ 400 bilhões por ano e representa a segunda maior atividade comercial do mundo, ficando atrás apenas do comércio de armas (GEHRING, 2012).

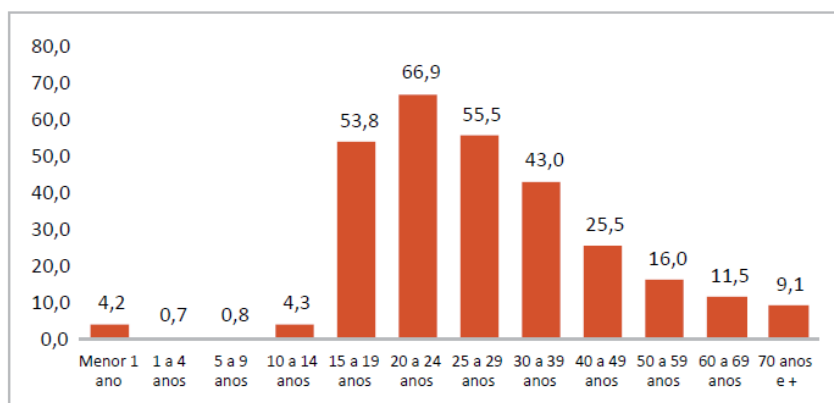
O consumo e o tráfico de drogas trazem prejuízos para a sociedade. Entre as consequências mais graves estão a dependência química, que tem o potencial de destruir com a vida não só do dependente como de muitas pessoas próximas a ele, e os crimes violentos que acontecem em decorrência do tráfico. A tese de Alex Sandro Gomes Pessoa, apresentada no ano de 2015, contém uma importante pesquisa que analisa os processos de resiliência em adolescentes com histórico de envolvimento no tráfico de drogas. De acordo com o pesquisador, o mercado ilegal, lucrativo e perigoso de vendas de drogas tem abarcado crianças e adolescentes,



colocando-os em situação de risco. Além dos perigos próprios da atividade que exercem, muitos adolescentes envolvidos com o tráfico também consomem as substâncias que comercializam. Alguns deles tornam-se dependentes e assumem dívidas com os traficantes, o que pode culminar em “acertos de contas”, por meio de atos de violência e homicídios (PESSOA, 2015).

A seguir, o Gráfico 1 representa as taxas de homicídio do ano de 2014, no Brasil, segundo faixa etária. Em relação aos adolescentes, as taxas de homicídio da faixa de 10 a 14 anos é 12 vezes menor do que na faixa de 15 a 19 anos. Pelos dados do Mapa da Violência 2014, quanto às crianças menores de “[...] 12 anos de idade, o número de vítimas é relativamente baixo”, mas, a partir dos 13 anos, “[...] o número de vítimas de homicídio vai crescendo rapidamente, até atingir o pico de 2.473 na idade de 20 anos” (WAISELFISZ, 2014, p. 70). Waiselfisz (2014, p. 75) associa esses números ao consumo e ao tráfico de drogas, devido ao seu “[...] aparelho criminal infiltrado nas diversas instâncias da sociedade civil e política e seus assentamentos territoriais nas zonas mais pobres das cidades”.

Gráfico 1 - Taxas de homicídios (por 100 mil) segunda faixa etária



Fonte: Waiselfisz, 2014, p. 70.

De acordo com Pessoa (2015), o envolvimento de crianças e adolescentes com o tráfico de drogas extrapola questões financeiras, pois essa atividade surge devido aos processos de marginalização e exclusão e à carência de suporte social e estratégias de atenção e fortalecimento. Sua pesquisa revela como a falta de proteção pode levar adolescentes a buscarem formas alternativas de sobrevivência, incluindo atividades prejudiciais ao seu desenvolvimento saudável. Diante desse quadro, observa-se que o consumo de drogas constitui-se em um problema social

que necessita de estratégias eficientes de enfrentamento, especialmente no que se refere às políticas de atenção e de prevenção ao uso de drogas na infância e adolescência, tendo em vista que o consumo primário ocorre geralmente nessa faixa etária (CARLINI et al., 2010).

Nesse sentido, a nova Lei de Drogas (Lei n. 11.343/06) apresenta duas estratégias de atuação para enfrentar o problema no país. Primeiramente, refere-se às medidas de prevenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; em seguida, estabelece normas para repressão à produção e ao tráfico de drogas. Essa abordagem visa à redução dos danos causados pela droga para o indivíduo e para a sociedade. Justamente por isso as atividades de prevenção são incentivadas. O artigo 18 da referida lei define as atividades de prevenção como “[...] aquelas direcionadas para a redução dos fatores de vulnerabilidade e risco e para a promoção e o fortalecimento dos fatores de proteção” (BRASIL, 2006). O artigo 19 da nova legislação também reconhece a relevância da prevenção primária, ao destacar “[...] o reconhecimento do ‘não uso’, do ‘retardamento do uso’ e da redução de riscos como resultados desejáveis das atividades de natureza preventiva” (BRASIL, 2006).

Contudo, ainda que a atual legislação brasileira reconheça a importância de atividades de prevenção e fortalecimento dos fatores de proteção, pouco se tem feito nesse sentido. Os resultados da pesquisa de Pessoa (2015) expõem a falta de eficiência dos projetos sociais, já que “[...] não dialogam com as culturas juvenis” (PESSOA, 2015, p. 46). Da mesma forma, Ferreira (2010) destaca que “[...] há mais de duas décadas os programas escolares de prevenção não têm alcançado os resultados esperados” (FERREIRA et al., 2010, p. 551). Assim, compreende-se a necessidade de rever a metodologia proposta por esses programas e de buscar alternativas para o seu fortalecimento.

Nesse aspecto, algumas pesquisas têm destacado a importância da religiosidade/espiritualidade como fator de proteção ao uso de drogas no período da adolescência (MARQUES; SANTOS; DELL’AGLIO, 2011; SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2004). A partir desse pressuposto, esta dissertação tem como objetivo investigar as dimensões pedagógicas das práticas religiosas de um grupo de adolescentes pertencentes a uma igreja evangélica do município de Canoas/RS, que atuam na proteção ao uso de drogas na adolescência.

## 2.3 Adolescência

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2013), a adolescência é a faixa etária que corresponde ao período de 10 a 19 anos, sendo dividida em duas fases: uma dos 10 aos 14 anos e outra dos 15 aos 19 anos. O ECA considera adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade (1990). O Ministério da Saúde (2005), em consonância com a OMS, diferencia adolescência de juventude, sendo a juventude o período entre 15 e 25 anos de idade.

A adolescência é uma das etapas do desenvolvimento humano em que ocorrem mudanças de ordem física e psicossocial. Nessa etapa, as mudanças no corpo acontecem, principalmente, devido à maturidade sexual (AMATO, 2010). Além disso, o indivíduo começa a desenvolver sua independência, afastando-se dos pais e/ou adultos responsáveis e aproximando-se de um grupo de amigos, geralmente da mesma faixa etária. Essa é uma fase de vulnerabilidade, pois a maior autonomia para circulação social ocasiona situações novas para o adolescente, criando a necessidade de tomar decisões por conta própria, que, se por um lado, permitem um maior aprendizado pela experiência do convívio social extrafamiliar, por outro, a imaturidade durante esse aprendizado pode induzir o jovem a escolhas que colocam sua saúde em risco, como, por exemplo, ceder à pressão de um amigo que lhe oferece drogas (MARQUES; DELL'AGLIO, 2009; SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005).

Para Oliveira (2006), cada grupo cultural insere essas mudanças em sistemas de significação. Dessa forma, a identidade do adolescente é construída no processo de internalização e externalização das experiências vividas na esfera cultural em que está inserido. Assim, não existe uma única forma de vivenciar esse momento de trajetória de vida. O significado de “ser adolescente” está relacionado às práticas socioculturais do meio em que o indivíduo encontra-se. Guardadas as características dos diferentes contextos de inserção, existem demandas internas e externas comuns a essa faixa etária. Entre elas, estão maior independência e responsabilidade sobre suas decisões, menor vigilância dos pais, transformações referentes à autoimagem, busca por aceitação em um grupo de pares, mudança de papéis no ambiente familiar, preparação para o ingresso no mundo do trabalho, estabelecimento de projetos para o futuro, entre outras (OLIVEIRA, 2006).

A formação da identidade pessoal é um dos desafios mais importantes na adolescência, pois define quem é o indivíduo e como ele se percebe. A partir da construção do senso de si é que a pessoa traçará seus projetos de vida e os valores que guiarão sua trajetória. Apesar de a construção da identidade não estar concluída até o início da idade adulta, as transformações mais significativas acontecem no período da adolescência (MARQUES; SANTOS; DELL'AGLIO, 2011).

As tarefas do desenvolvimento, próprias dessa fase, exigem ajustes e adaptação por parte dos adolescentes, e a forma como tais eventos são vivenciados podem resultar tanto em comportamentos saudáveis como em comportamentos de risco. Comportamentos de risco podem afetar a saúde e segurança do jovem, trazendo consequências negativas para sua vida, como manter relações sexuais sem proteção, o que pode ocasionar tanto uma gravidez indesejada quanto a aquisição de uma doença sexualmente transmissível; dirigir após consumir bebida alcoólica ou acima da velocidade permitida, o que pode acarretar envolvimento em um acidente de trânsito (MARQUES; DELL'AGLIO, 2009).

Nesse sentido, compreende-se a relevância de pesquisas que buscam identificar quais elementos presentes na vida dos jovens propiciam comportamentos saudáveis ou comportamentos de risco. Diversos estudos já realizados fornecem subsídios para mapear fatores de risco na adolescência. Atualmente, pesquisas nessa área estão interessadas em conhecer os fatores promotores de saúde e proteção, com o objetivo de prevenir o desenvolvimento de comportamentos de risco, mesmo em situações de vulnerabilidade (MARQUES; DELL'AGLIO, 2009).

### *2.3.1 Adolescência: consumo de drogas*

Segundo a OMS, droga é qualquer substância que altera o funcionamento do organismo e que não é produzida por ele. As drogas são classificadas de acordo com os efeitos que produzem no Sistema Nervoso Central (SNC). São elas: (a) drogas depressoras, que tornam mais lento o funcionamento do SNC, causando sensação de relaxamento, como álcool, inalantes, ansiolíticos; (b) drogas estimulantes, que aceleram a atividade cerebral, causando euforia, agitação e insônia, como tabaco, cocaína, anfetaminas; e (c) drogas perturbadoras, que

produzem alterações na fisiologia do SNC, provocando delírios, ilusões e alucinações, como maconha, êxtase<sup>4</sup> (GALDURÓZ et al.,1997).

O uso abusivo dessas substâncias e conseqüentemente a dependência química delas ocorre pelo fato de, inicialmente, promoverem sensações agradáveis e de bem-estar, pois agem direta ou indiretamente sobre uma “[...] via neural cerebral conhecida cientificamente como via dopaminérgica mesolímbica, responsável pela nossa capacidade de sentir prazer e/ou satisfação em diferentes situações” (LEMOS; ZALESKI, 2012, p. 16). Após utilizar a droga repetidamente, o corpo desenvolve a chamada “tolerância”; assim, as sensações agradáveis vão diminuindo e o usuário precisa aumentar a dose da droga, gerando um quadro de dependência, em que se torna “refém” da necessidade de consumir a droga (LEMOS; ZALESKI, 2012).

Cabe ressaltar que existem diversos padrões de uso, ou seja, formas de consumir essas substâncias, podendo ser classificadas em: (a) uso experimental, em que a pessoa consumiu droga(s) alguma vez na vida, mas não continuou com o uso; (b) uso recreativo ou social, em que a pessoa utiliza álcool e/ou outras drogas somente em algumas ocasiões, como festas, encontro com amigos ou momentos de lazer; (c) uso de risco, em que o consumo é feito em maior quantidade, frequência e oferece risco à saúde do usuário, como envolvimento em brigas, relação sexual sem proteção, dirigir embriagado, etc.; (d) uso nocivo ou abusivo, padrão de consumo que causa prejuízo físico ou mental ao usuário, além de problemas sociais relacionados ao uso; (e) dependente, que traz conseqüências graves à saúde da pessoa e afeta também as demais áreas de sua vida - profissional, familiar, social e psicológica.<sup>5</sup>

A adolescência é considerada um período de maior vulnerabilidade ao envolvimento com drogas (SILVA et al., 2010; MARQUES; DELL’AGLIO, 2009; SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005; SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2004). Corrobora essa afirmação a pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) do Ministério da Justiça (MJ), em parceria com o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID/UNIFESP), em

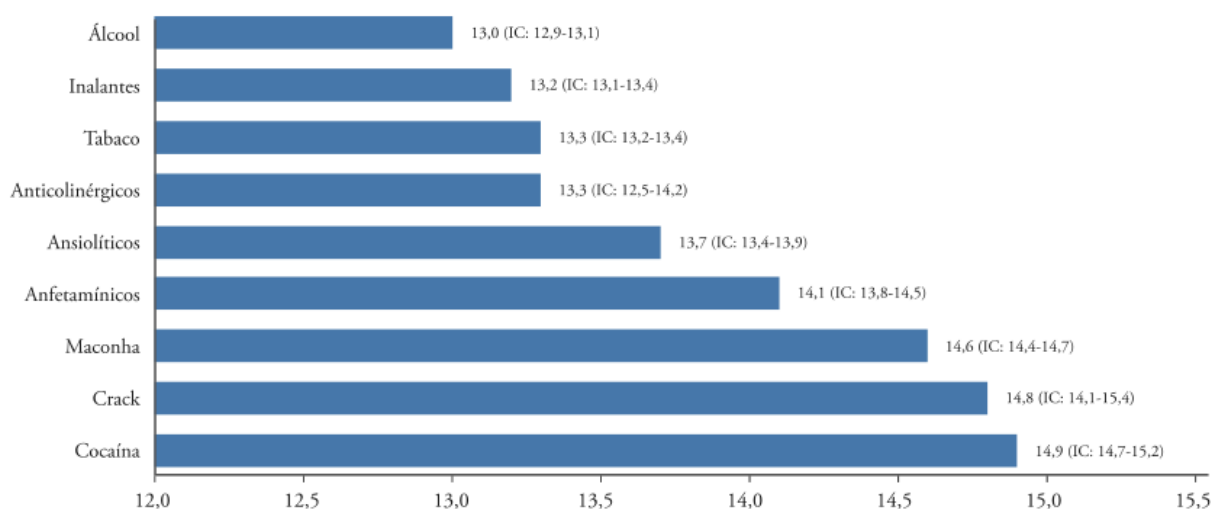
---

<sup>4</sup> Ou Ecstasy, como é mais conhecida.

<sup>5</sup> Informações extraídas da apostila *Módulo 2: Efeitos e conseqüências dos diferentes padrões de uso de álcool e outras drogas*, do curso *Fé na Prevenção*, realizado a partir da parceria entre a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), São Paulo, 2014. p. 85-192.

2010, com 50.890 alunos das 27 capitais brasileiras, distribuídos em cerca de 900 escolas, a qual revelou o início precoce do consumo de drogas entre os estudantes. O Gráfico 2 mostra que o uso primário de drogas acontece principalmente entre o final da infância e o início da adolescência.

Gráfico 2 - Idade média de primeiro uso de drogas entre 50.890 estudantes de ensino fundamental e médio das redes públicas e privadas das 27 capitais brasileiras



Fonte: Carlini et al., 2010, p. 388.

Segundo o *VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio das redes pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras*, as drogas mais consumidas entre adolescentes são álcool e tabaco (CARLINI et al., 2010). Apesar de terem seu uso proibido por lei para menores de 18 anos, os dados da pesquisa revelam que ambas são amplamente usadas por adolescentes. Dos estudantes que participaram da pesquisa, 60,5% já haviam consumido algum tipo de bebida alcoólica e 16,9% haviam fumado tabaco pelo menos uma vez na vida. Os dados específicos entre os estudantes da cidade de Porto Alegre são ainda mais preocupantes: 65,8% já consumiram algum tipo de bebida alcoólica e 25,2% fumaram tabaco pelo menos uma vez na vida (CARLINI et al., 2010). De acordo com Amato (2010), o uso de bebidas alcoólicas e de tabaco é tolerado pela sociedade, o que talvez explique o porquê de serem as drogas mais consumidas pelos adolescentes. Mesmo assim, oferecem riscos à saúde e merecem investimento em campanhas preventivas.

As outras drogas psicoativas são menos consumidas pelos adolescentes. Segundo dados do levantamento supracitado, 8,7% relataram consumo de inalantes; 5,7%, de maconha; 5,3%, de ansiolíticos; 2,2%, de anfetaminas; 2,5%, de cocaína e 0,6%, de crack, pelo menos uma vez na vida. Com exceção do uso de inalantes e de crack, o número de estudantes da cidade de Porto Alegre que utilizou drogas pelo menos uma vez está acima dos dados gerais da pesquisa: 6,4% relataram consumo de inalantes; 11,8%, de maconha; 7,1%, de ansiolíticos; 2,5%, de anfetaminas; 3,1%, de cocaína; 0,6%, de crack (CARLINI et al., 2010).

Para a saúde dos adolescentes, os prejuízos decorrentes do uso de drogas são inúmeros e de várias ordens. Podem-se listar os de ordem orgânica e funcional de sistemas do corpo, como “[...] complicações agudas (intoxicação e overdose) e crônicas, com alterações duradouras ou até irreversíveis”, até os de “[...] ajustamento social provocados por modificações neuroquímicas que causam prejuízos no controle dos impulsos” (MARQUES; CRUZ, 2000, p. 33), além da possibilidade do desenvolvimento de um quadro de dependência química. Segundo Schenker e Minayo (2005), a dependência química pode comprometer o desenvolvimento bem-sucedido do adolescente e sua preparação mais adequada para a vida adulta; por isso, o uso de drogas é considerado como comportamento de risco, especialmente nessa fase do desenvolvimento humano.

Além da possibilidade de desenvolver dependência química, o uso de drogas, mesmo que de forma experimental ou recreativa, pode colocar os usuários em situações potenciais de risco. De acordo com Cavalcante (2008, p. 557), o uso de álcool e outras drogas é a principal causa desencadeadora “[...] de situações de vulnerabilidade na adolescência, a exemplo dos acidentes, suicídios, violência, gravidez não planejada e a transmissão de doenças por via sexual e endovenosa”. Estudos também têm comprovado a relação entre comportamentos violentos e atos infracionais praticados por adolescentes sob efeito de droga (ELUF, 2012; PEREIRA; SUDBRACK, 2008; SILVA et al., 2010). Ainda, estão relacionados ao uso de drogas a “[...] queda no desempenho escolar, dificuldades de aprendizado, prejuízo no desenvolvimento e estruturação das habilidades cognitivo-comportamentais e emocionais do jovem” (ALMEIDA FILHO et al., 2007, p. 609).

### 2.3.2 Adolescência: fatores de risco ao uso de drogas

Além de a adolescência ser considerada a fase de maior vulnerabilidade, alguns fatores estão associados a maior possibilidade de o indivíduo adquirir determinado comportamento ou doença quando exposto a ele, conhecidos como *fatores de risco* (SCHENKER; MINAYO, 2005; SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005; SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2005). Esses fatores podem estar associados a características do próprio indivíduo, de sua família e da sociedade na qual está inserido, e comumente estão combinados. É importante ressaltar que tais fatores não são determinantes, pois, mesmo que um adolescente exposto a eles tenha maior chance de envolvimento com drogas, existem outras variáveis relevantes que devem ser consideradas, tais como, tempo de exposição ao fator, momento de exposição e fatores de proteção presentes (MARQUES; DELL'AGLIO, 2009). Em relação ao uso de drogas, alguns dos fatores considerados de risco são:

- a) Fatores pessoais: sintomas depressivos, baixa autoestima, isolamento social, comportamentos agressivos (SILVA et al. 2010; SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2005; FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001; MARQUES; CRUZ, 2000; SILBER et al., 1998; SCHEIER et al., 1997);
- b) Fatores familiares: conflitos e desajustes no ambiente familiar, uso de drogas por familiares com quem o adolescente tem contato, falta de supervisão e afeto por parte dos pais e/ou responsáveis (SILVA et al. 2010; CAVALCANTE et al., 2008; SCHENKER; MINAYO, 2005; SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2005; FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001; CRUZ, 2000; SILBER; SOUZA, 1998; SCHEIER et al., 1997).
- c) Fatores sociais: acesso fácil às drogas, amigos que consomem drogas, propagandas de incentivo ao consumo, desinteresse pelos estudos (SILVA et al. 2010; CAVALCANTE et al., 2008; SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2005; SCHENKER; MINAYO, 2005; FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001; MARQUES; CRUZ, 2000; SILBER et al., 1998; SCHEIER et al., 1997).

Mesmo expostos a esses fatores, adolescentes com expressões de resiliência apresentam desenvolvimento saudável. O conceito de resiliência “[...] aponta para uma resposta positiva eficaz à superação da situação de risco e uma consequente 'adaptação' e fortalecimento pessoal” (JULIANO; YUNES, 2014, p. 138). Conforme



Yunes e Szymansky (2001), a resiliência deve ser compreendida na perspectiva de um processo multifatorial, em que o sujeito e o ambiente comportam-se como “sistemas de formação mútuos”, expressão que as autoras adotam do principal teórico da “bioecologia do desenvolvimento humano”, Urie Bronfenbrenner. Esta é a conclusão de Calvetti, Muller e Nunes (2007, p. 713):

De acordo com Yunes e Szymanski (2001), a resiliência possui características individuais e ambientais. No entendimento desse mecanismo, o indivíduo e o ambiente são vistos como sistemas de formação mútuos. As autoras frisam a importância dessa contribuição para o planejamento e as intervenções em políticas públicas.

Para Juliano e Yunes (2014), as pesquisas atuais sobre resiliência têm como objetivo principal entender as transformações positivas que acontecem em situações de vulnerabilidade e sofrimento e que permitem ao indivíduo desenvolver-se de forma saudável e equilibrada. Para as autoras, essas transformações estão associadas à presença de *fatores de proteção*, abordados a seguir.

### 2.3.3 *Adolescência: proteção e fatores protetores ao uso de drogas*

O famoso livro *A história social da criança e da família*, escrito pelo historiador francês Philippe Ariès, cuja primeira edição foi publicada em 1960, demonstra que a concepção de infância e adolescência dos dias atuais desenvolveu-se como uma construção social e política da Modernidade. Por meio da análise documental e da interpretação hermenêutica de pinturas, retratos, esculturas, vestimentas, aposentos das residências e manuscritos, desde o período da Idade Média, Ariès (2006) sustenta a tese de que havia uma ausência do sentimento de infância e de adolescência na maioria das famílias. O autor demonstra que houve uma progressiva mudança do lugar cultural e imaginário ocupado pelo sentimento acerca da criança até a forte presença desse sentimento nas sociedades industriais (ARIÈS, 2006).

Um dado interessante para o tema abordado nesta dissertação é a consideração do historiador sobre a “apaixonante história do batismo”, que, nas palavras do prefácio do próprio Ariès, não foi abordada no livro, pois, segundo ele, tal história permitiria

[...] perceber a atitude diante da vida e da infância em épocas remotas, pobres de documentos, não para confirmar ou modificar a data de início de um ciclo, mas para mostrar como, dentro de um polimorfismo contínuo, as mentalidades antigas se transformaram aos solavancos, através de uma série de pequenas mudanças. A história do batismo me parece ser um bom exemplo desse tipo de espiral (2006, p. xv).

Segundo o dossiê de Ariès, até o fim do século XVII, a morte de crianças não gerava nenhum sentimento de tristeza para as famílias e sociedades da época, considerando que, nesse período, era comum a prática do “infanticídio tolerado”, no qual, as mortes infantis pareciam acontecer por causas “naturais”, e não havia razão moral para a tentativa de salvá-las. A hipótese do historiador é que os batismos eram realizados de forma coletiva e esporádica e, “[...] se a criança morresse no intervalo dos batismos coletivos, ninguém se comovia além da medida” (ARIÈS, 2006, p. xvi).

Segundo o autor, a liderança religiosa francesa passou a se inquietar com essas práticas e começou a pressionar as famílias para batizarem a criança logo após o nascimento, organizando o registro desses batismos nas Paróquias. Ariès (2006) defende que, após a institucionalização eclesiástica da prática batismal das crianças, houve significativa redução da mortalidade infantil, como constatou nos registros do folclore dos *Miracles Notre-Dame*,<sup>6</sup> em que as crianças tornaram-se mais numerosas. De certa forma, a prática sistemática do batismo infantil sensibilizou as pessoas quanto ao ser existente naquele pequeno corpo. Diante desse fato histórico, pode-se inferir que essa prática religiosa contribuiu para a mudança de mentalidade da sociedade naquele período, protegendo crianças das mortes, então, evitáveis.

A partir do século XVI, um processo complexo de mudanças sociais cooperou para a criação de uma sensibilidade especial em relação à infância, compreendida fundamentalmente como um período de formação para a vida adulta. Contribuíram para esse processo o surgimento da escola como meio de educação da criança e a transformação ocorrida dentro dos núcleos familiares. De acordo com Ariès (2006), a família passou a ser um lugar de afeição entre cônjuges e entre pais e filhos, algo que não acontecia antes.

---

<sup>6</sup> Gênero de teatro medieval centrado nos milagres de Nossa Senhora. Um manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Paris contém quarenta peças acerca dos *Miracles de Notre Dame*. Fonte: MASSAUD, M. **Dicionário de Termos Literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

Atualmente, no Brasil, a “doutrina da proteção integral”, cujos marcos legais são a Constituição Federal (CF) de 1988 e o ECA (Lei N. 8.069, de 13 de julho de 1990), estabelece a criança e o adolescente como pessoas portadoras de direitos e sujeitas à proteção prioritária, já que estão em situação peculiar de desenvolvimento. Dessa forma, a garantia de proteção deve ser integral e promovida pela família, poder público e sociedade. O ECA estabelece, em seu artigo 3º, que devem ser asseguradas à criança e ao adolescente “[...] todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade” (BRASIL, 1990).

Proteger nesse contexto significa, principalmente, “[...] oferecer condições de crescimento e de desenvolvimento, de amparo e de fortalecimento da pessoa em formação” (SCHENKER; MINAYO, 2005, p. 711). Nessa acepção, uma das responsabilidades das políticas públicas de atenção à criança e ao adolescente é conhecer que fatores promovem seu desenvolvimento saudável e previnem os comportamentos de risco, dependência química e o conseqüente agravamento de problemas sociais.

Esses fatores são denominados *fatores de proteção* e referem-se a mecanismos que modificam a resposta dos indivíduos às situações de risco, diminuindo ou anulando seus efeitos negativos, promovendo recursos para a superação de eventos estressantes e contribuindo para o estabelecimento da autoestima por meio de fontes externas de apoio (PESCE et al., 2004). Nesse caminho, a pesquisa de Sanchez, Oliveira e Nappo (2004) sobre os fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas evidenciou quatro importantes fatores: família, informação, religiosidade e perspectivas para o futuro. Entre esses, a religiosidade recebeu destaque, pois se revelou como um forte elemento protetor que ajuda o jovem a não iniciar o consumo drogas.

## **2.4 Religiosidade e espiritualidade**

Existe amplo debate epistemológico sobre a utilização dos conceitos de religiosidade e espiritualidade. Esta seção tem por finalidade realizar uma breve discussão sobre suas definições e destacar alguns estudos que evidenciam o papel protetor da religiosidade e da espiritualidade na prevenção ao uso de drogas.

### 2.4.1 Conceitos e definições

De maneira geral, há consenso em relação ao conceito de religião e religiosidade. Religião costuma ser entendida como um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos designados, que tem como finalidade promover a ligação do homem com Deus e com a transcendência da vida humana. A religiosidade, na maioria das vezes, é entendida como a representação das práticas e crenças dos preceitos de determinada religião (COUTINHO, 2012). Quando se trata da definição de espiritualidade, há mais divergências. É possível encontrar na literatura o termo sendo usado como sinônimo de religiosidade, como parte ou como aprofundamento da experiência religiosa, ou, ainda, pode ser localizado fora do contexto religioso.

Miller e Thoresen (2003) realizam uma ampla discussão sobre a definição e utilização dos termos em questão. Para os autores, a religião consiste em um fenômeno institucional, já que pode ser diferenciada por suas crenças, práticas, normas e modos de organização. Embora a espiritualidade seja o interesse principal das religiões, preocupações e objetivos não espirituais também fazem parte delas, como, por exemplo, questões culturais, econômicas, políticas e sociais. Nessa perspectiva, a religião e a religiosidade são entendidas fundamentalmente como um fenômeno social, ao passo que a espiritualidade é geralmente pensada mais no âmbito individual (MILLER; THORESEN, 2003).

Roger Walsh, estudioso do tema, diferencia religiosidade e espiritualidade no âmbito da experiência do indivíduo. Para o autor, enquanto a religiosidade relaciona-se aos valores sagrados e supremos da vida, a espiritualidade refere-se a uma experiência mais íntima e direta com o sagrado, uma experiência mística. Mesmo assim, pontua que a espiritualidade envolve experiências que podem ser comuns a um grupo e, portanto, não pode ser reduzida ao âmbito individual (WALSH, 2001). Hill e Pargament (2003) alertam para os perigos de polarizar os conceitos de religiosidade e espiritualidade. Segundo os autores, todas as formas de expressão de espiritualidade acontecem em um contexto social e, por isso, os termos não podem ser polarizados em domínios institucionais e individuais. Além disso, para eles, a maioria das pessoas experimenta a espiritualidade dentro de uma religião. Nesse sentido, defendem que os conceitos estão relacionados e não são independentes (HILL; PARGAMENT, 2003).

Hill e Pargament (2003) entendem a espiritualidade como a busca pelo sagrado, como um processo de descoberta e transformação. Essa busca acontece principalmente em um contexto religioso, podendo ser tradicional ou não. O sagrado refere-se a objetos e eventos merecedores de veneração, e é nesse contexto que se encontram os conceitos de Deus, de divino e de transcendência. O “[...] sagrado é o denominador comum da vida religiosa e espiritual. Representa o destino mais vital procurado pela pessoa religiosa/espiritual”<sup>7</sup> (HILL; PARGAMENT, 2003, p. 65).

Alguns estudos localizam a espiritualidade no universo dinâmico do desenvolvimento humano, alinhando-se com o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e moral (HILL; PARGAMENT, 2003). Esse processo multifatorial é denominado desenvolvimento espiritual e, segundo Marques, Cerqueira-Santos e Dell'Agio (2011, p. 83), pode ser considerado como “[...] uma fonte que emerge do significado, da conexão com os outros e com o sagrado”.

Essa concepção de espiritualidade e desenvolvimento espiritual está próxima da definição de fé e do desenvolvimento dos estágios da fé propostos por James W. Fowler (1992). Tal autor define fé a partir da origem do vocábulo na língua grega e no latim: o verbo grego *pisteuo* e o latino *credo* permitiam a oradores e escritores dizerem “[...] eu confio, comprometo, coloco meu coração em, prometo fidelidade” (FOWLER, 1992, p. 25). Nessa perspectiva prática e teórica, a fé não é mera crença ou adoção de hábitos religiosos; implica na capacidade de falar de si para si mesmo, ou seja, significa falar do íntimo do ser humano, sobre o que realmente nos toca, mobiliza, preenche e sustenta. Nesse sentido, o autor defende que a fé é um traço comum dos seres humanos. Em seu livro *Estágios da Fé*, Fowler (1992) analisa a fé como um fenômeno do desenvolvimento humano, seguindo as teorias piagetianas, em especial, os estágios do desenvolvimento moral de Kohlberg. Esse processo, portanto, depende dos mesmos fatores que afetam de forma dialética, não determinística, o desenvolvimento cognitivo, tais como, a maturação biológica, o desenvolvimento emocional e cognitivo, as experiências psicossociais e as influências religioso-culturais do meio em que a pessoa desenvolve-se.

Nessa breve revisão teórica, é possível observar que mesmo pesquisadores e estudiosos dos fenômenos da espiritualidade e da religiosidade não são unânimes ao apresentar os conceitos dos termos. O que está evidente é que esses

---

<sup>7</sup> “The sacred is the common denominator of religious and spiritual life. It represents the most vital destination sought by the religious/spiritual person”.

constructos podem ou não estar relacionados. Nesta dissertação, sem a pretensão de apresentar uma definição, entende-se a religiosidade como a maneira com que os indivíduos vivem e expressam os ensinamentos de determinada religião e a espiritualidade como a busca do ser humano pela transcendência, a conexão com o sagrado e a significação da vida. Acredita-se que os argumentos apresentados são suficientes para inferir que o desenvolvimento da dimensão espiritual do ser humano pode ser potencializado em um contexto interpessoal e religioso, tal com o contexto onde a pesquisa foi realizada.

#### *2.4.2 A relevância protetiva da religiosidade*

Há subsídios teóricos suficientes para afirmar que a religiosidade pode contribuir positivamente para o bem-estar físico e mental do ser humano. É consenso entre pesquisadores que a religiosidade e a espiritualidade atuam como fatores protetores ao consumo de drogas. Assim, esta seção dedica-se a apresentar alguns estudos que evidenciam a atuação protetiva da religiosidade e espiritualidade em relação ao uso de drogas.

Sanchez e Nappo (2007) revisaram os principais estudos científicos que abordam o papel da religiosidade no tratamento e na prevenção ao consumo de drogas, publicados em revistas indexadas nas bases de dados PubMed e Scielo, entre 1976 e 2006. De acordo com as autoras, esses estudos apontam para o papel protetor da religiosidade em relação ao uso de drogas, tanto no Brasil como no exterior. Também observaram que todos os estudos consultados têm caráter quantitativo e apenas avaliaram, por meio estatísticos, a correlação entre religiosidade e não consumo de drogas, sem focar os mecanismos estruturais desse fenômeno. Em suas conclusões, as autoras afirmam que há necessidade de mais pesquisas sobre o tema no contexto brasileiro, tendo em vista sua relevância para a saúde pública (SANCHEZ; NAPPO, 2007).

De fato, nessa área, predominam as pesquisas quantitativas. O estudo de Dalgarrondo et al. (2004) objetivou verificar se diferentes variáveis da religiosidade influenciam o uso de drogas. A pesquisa foi realizada com 2.287 estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas de Campinas (SP). Foram consideradas variáveis de religiosidade: “[...] filiação religiosa, frequência de ida ao culto/missa por mês, considerar-se pessoa religiosa e educação religiosa na

infância” (DALGALARRONDO et al., 2004, p. 82). Os resultados mostram que várias dimensões da religiosidade têm possível efeito inibidor ao uso de drogas, entre elas, destacam a educação religiosa na infância. Os autores atribuem esse resultado aos valores morais e comportamentais defendidos pela religião, o que inclui a proibição ao uso de drogas.

A pesquisa de Assis, Pesce e Avancini (2006), com 1.923 adolescentes escolares de 11 a 19 anos, em São Gonçalo, município de classe popular do Rio de Janeiro, propôs-se a compreender como esses estudantes representavam e enfrentavam condições adversas em seu cotidiano. Em seus estudos, as pesquisadoras verificaram que o apoio social é fundamental para que um indivíduo fortaleça-se diante das dificuldades e desenvolva expressões de resiliência. A figura de Deus também foi mencionada como uma importante fonte de apoio, pois alguns desses adolescentes consideram a religiosidade como a “[...] raiz que os sustenta” (ASSIS; PESCE; AVANCINI, 2006, p. 105). Assim sendo, observa-se que jovens em situação de risco social, fator considerado relevante para o início do uso de drogas, podem ser protegidos, dentre outras formas, pela religiosidade.

A pesquisa de Silva et al. (2007) teve como objetivo identificar os fatores associados ao bem-estar psicológico dentro de uma amostra de 960 adolescentes, com idades entre 15 e 18 anos, da cidade de Pelotas (RS). Segundo os autores, a “[...] sensação de bem-estar ou de satisfação com a vida é intimamente ligada à forma como o indivíduo é capaz de lidar e absorver a ocorrência de episódios de sua vida, alguns destes inerentes ao próprio curso da mesma” (SILVA et al., 2007, p. 1113). Conforme os resultados do estudo, adolescentes que mantêm uma prática religiosa apresentam maiores níveis de bem-estar psicológico, o que permite concluir que a religiosidade contribui para aliviar a pressão de eventos estressantes nessa fase da vida, agindo, assim, como um fator de proteção.

Semelhantemente, o estudo de Amparo et al. (2008) buscou investigar os fatores sociais e pessoais que possam servir como proteção a adolescentes e jovens em situação de risco social e pessoal. Tal pesquisa foi realizada com 852 adolescentes e jovens, alunos do Ensino Médio de escolas públicas do Distrito Federal (DF), com idades entre 13 e 27 anos. Os resultados enfocam as redes de proteção (família, escola, amigos) e os fatores pessoais (autoestima, religiosidade-espiritualidade). Com base nos dados obtidos, as autoras afirmam a relevância da espiritualidade como fator protetor, uma vez que “[...] a espiritualidade contribui para

sua autoestima e, portanto, para sua resiliência” (AMPARO et al., 2008, p. 170).

O já mencionado estudo de Marques, Santos e Dell'Aglio (2011) investigou como se apresentam a religiosidade e a espiritualidade entre jovens brasileiros, assim como as relações dessa variável com a identidade positiva. A pesquisa foi efetuada com 7.572 jovens, de 14 a 24 anos, de ambos os sexos, e de nível socioeconômico baixo. Em suas conclusões, os autores observaram que as vivências de religiosidade e espiritualidade fomentam identidade positiva, competência importante que guia o jovem para longe de comportamentos de risco, entre eles, o uso de drogas. Segundo os autores, a religiosidade é um importante referencial de apoio cultural; fornece aos jovens um importante sistema de valores e normas morais; favorece o desenvolvimento da autoestima e do senso de autorregulação; possibilita maior abertura do adolescente ao apoio familiar e a formação de um círculo de amizades saudáveis para os jovens (MARQUES; SANTOS; DELL'AGLIO, 2011).

Outro recente estudo de Silva et al. (2013) objetivou avaliar o consumo de álcool e de outras drogas por 100 estudantes de Enfermagem de uma universidade do sul de Minas Gerais e investigar a relação entre esse consumo, bem-estar espiritual e características sociodemográficas/religiosas desses participantes. Os resultados demonstram o álcool como a substância mais utilizada pelos estudantes (84%). Além disso, observou-se que possuir bem-estar espiritual negativo e não ter prática religiosa frequente aumentam as chances de consumo abusivo dessa substância. Com base nesses resultados, as autoras defendem iniciativas de prevenção ao consumo de drogas vinculadas às atividades espirituais (SILVA et al., 2013).

Na área da Educação, o número de pesquisas sobre drogas parece ser escasso. No Banco de Teses da Capes, no período de 2010 a 2015, foram encontradas 571 teses e 1.305 dissertações de Mestrado Acadêmico que continham o descritor “drogas”. Dessas, quatro teses (0,7%) e 16 dissertações (1,2%) apontam a Educação como área de conhecimento. Mesmo reconhecendo os limites desse levantamento, pode-se inferir que, no nível quantitativo, a produção acadêmica sobre a temática abordada nesta dissertação ainda é escassa. Talvez, o tema não desperte interesse maior nas pesquisas da área da Educação, ou, na pior das hipóteses, a área não tem acumulado *expertise* suficiente para enfrentar os desafios teóricos, metodológicos e práticos da drogadição, um violento fenômeno



sociocultural que tem afetado a qualidade de vida de crianças e adolescentes. Nesse sentido, Andreola (2011, p. 313) defende que, “A educação não pode restringir-se aos problemas de sala de aula. Na sua necessária dimensão ético-política precisa contribuir para a solução de problemas hoje tão graves, que dizem respeito à própria sobrevivência da humanidade”.

### 3 CONTEXTO DE PESQUISA

O objetivo desta pesquisa é investigar as dimensões pedagógicas das práticas religiosas de um grupo de adolescentes pertencentes a uma igreja evangélica do município de Canoas/RS, que atuam na proteção ao uso de drogas na adolescência. Portanto, é necessário apresentar o contexto da pesquisa, de modo a permitir uma compreensão mais abrangente das dimensões pedagógicas implícitas ou explícitas na atuação pastoral dessa igreja.

#### 3.1 O contexto religioso da pesquisa: a Religião Cristã Evangélica

No século XVI, o teólogo e monge católico alemão Martinho Lutero iniciou um movimento em favor de uma Reforma da Igreja Católica. A radicalização das disputas políticas, econômicas, culturais e religiosas acabou por originar o processo histórico, conhecido como Reforma Protestante. Martinho Lutero defendeu que a salvação do homem era possível pela sua fé em Jesus Cristo e, por isso, criticou os abusos, condenou a venda de indulgências, prática da Igreja Católica da época (BARBOSA, 2011). Em 1517, na condição de docente da Universidade de Wittenberg, iniciou uma discussão acadêmica e publicou o texto *Debate para o esclarecimento do valor das indulgências*, que se tornou conhecido, posteriormente, como as 95 teses contra as indulgências. Essas teses foram amplamente divulgadas por setores políticos organizados da Alemanha e alcançaram grande popularidade. No entanto, apenas em 1521, o Papa Leão X publicou a carta de excomunhão contra Lutero. Antes disso, em 1518, ocorreu um intenso debate na cidade de Augsburgo entre Lutero e uma delegação apostólica. Em 1519, houve outro debate público com o teólogo João Eck, até que as posições de Lutero foram consideradas heréticas pela Igreja Católica. Em 1519, Lutero afastou-se definitivamente do catolicismo ao negar a primazia do papa. Nesse momento, o luteranismo já havia conquistado seguidores e começava a difundir-se na Alemanha e em outros países da Europa (VIANNA, 2004). O movimento protestante deu origem a diferentes correntes de pensamento teológico e ao nascimento de novas igrejas cristãs, rompendo com a hegemonia católica, até então, a única expressão oficial da religiosidade europeia.

Na América Latina, o termo evangélico é usado para identificar as religiões cristãs originadas ou descendentes da Reforma, conhecidas também como Protestantes. As Igrejas Evangélicas estão divididas em duas grandes correntes: 1) evangélicos históricos, tradicionais ou de missão, que são fiéis às tradições trazidas pelas diversas tendências eclesiais da Reforma Protestante no século XVI; 2) evangélicos pentecostais, cujo movimento pentecostal chegou ao Brasil em 1910, tendo como principal característica a busca pelas manifestações do Espírito Santo, como, por exemplo, o “dom de línguas”. A primeira ocorrência dessa manifestação, segundo esses evangélicos, está registrada no livro de Atos dos Apóstolos (At: 2,1-13), também conhecido por católicos e protestantes históricos como dia de Pentecostes. Na tradição eclesial dos evangélicos pentecostais, é comum a ocorrência de cisões entre suas igrejas. Uma das características da religião cristã evangélica é que seu livro sagrado, a Bíblia, pode e deve ser lido por todos os fiéis e sua interpretação/revelação é dada, segundo a crença, por meio do auxílio do Espírito Santo. Isso permite que pessoas a entendam de formas diferentes e criem novos segmentos dentro de sua religião.

### **3.2 Características gerais do grupo participante da pesquisa**

#### *3.2.1 Breve histórico da congregação e principais atividades desenvolvidas*

A sede da Igreja do Movimento Evangélico de Renovação (Mover) localiza-se na área central do município de Canoas. Além da sede, a igreja possui mais seis pontos de pregação nos bairros Guajuviras e Niterói, também em Canoas, e nas cidades de Viamão, Nova Santa Rita, Pareci Novo e Sertão Santana. A igreja possui aproximadamente 2.000 membros registrados. Os seus primeiros membros, cerca de 800 pessoas, originalmente pertenciam a uma denominação relacionada ao luteranismo histórico, ou seja, a Comunidade Evangélica de Canoas filiada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A separação entre as duas igrejas ocorreu devido à discordância teológica sobre questões relacionadas à compreensão das manifestações do Espírito Santo. Esse grupo de pessoas decidiu desligar-se da mencionada denominação e, em 2005, fundou a Igreja do Mover.

As atividades principais da igreja são os cultos da família, escola bíblica, as células domiciliares e a Rede Jovem. Os cultos acontecem três vezes por semana,

nos quais há um momento de louvor a Deus, por meio de hinos e canções, e um momento de pregação dos ensinamentos cristãos, além de momentos de oração. A escola bíblica é destinada para crianças de dois a 12 anos e acontece durante os cultos familiares. Nela, os ensinamentos cristãos são organizados com linguagem e material específicos ao público infantil. As células domiciliares ocorrem em casas de membros líderes; são reuniões semanais, mais íntimas, com o objetivo de formar vínculo entre os membros e estudar a Bíblia em grupo.

O ministério denominado Rede Jovem é um trabalho específico para pessoas a partir de 12 anos, subdividido por faixa etária: Mover *Teen* (12 a 14 anos), Mover Jovem (15 a 20 anos), Mover Mais (a partir dos 20 anos). Os jovens reúnem-se semanalmente para participarem de estudos bíblicos. Além desses encontros, também são realizadas atividades especiais, tais como acampamentos, passa-dias, vigílias, passeios, esportes, entre outros.

Dentre esses ministérios, interessa diretamente para a pesquisa o grupo denominado Mover *Teen*, o qual reúne adolescentes de 12 a 14 anos em encontros semanais, aos sábados, das 14h às 17h, na sede da igreja. O *website* da instituição informa os seguintes objetivos do ministério Mover *Teen*:

Proporcionar um espaço específico para o adolescente da Igreja;  
 Auxiliar o adolescente a compreender seu papel dentro do projeto de Deus;  
 Oferecer recursos e apoio no seu processo de crescimento físico e espiritual;  
 Desenvolver o hábito da leitura diária da Palavra de Deus, ensinando-a de forma desafiadora;  
 Oportunizar o convívio em grupo através de dinâmicas e testemunhos.

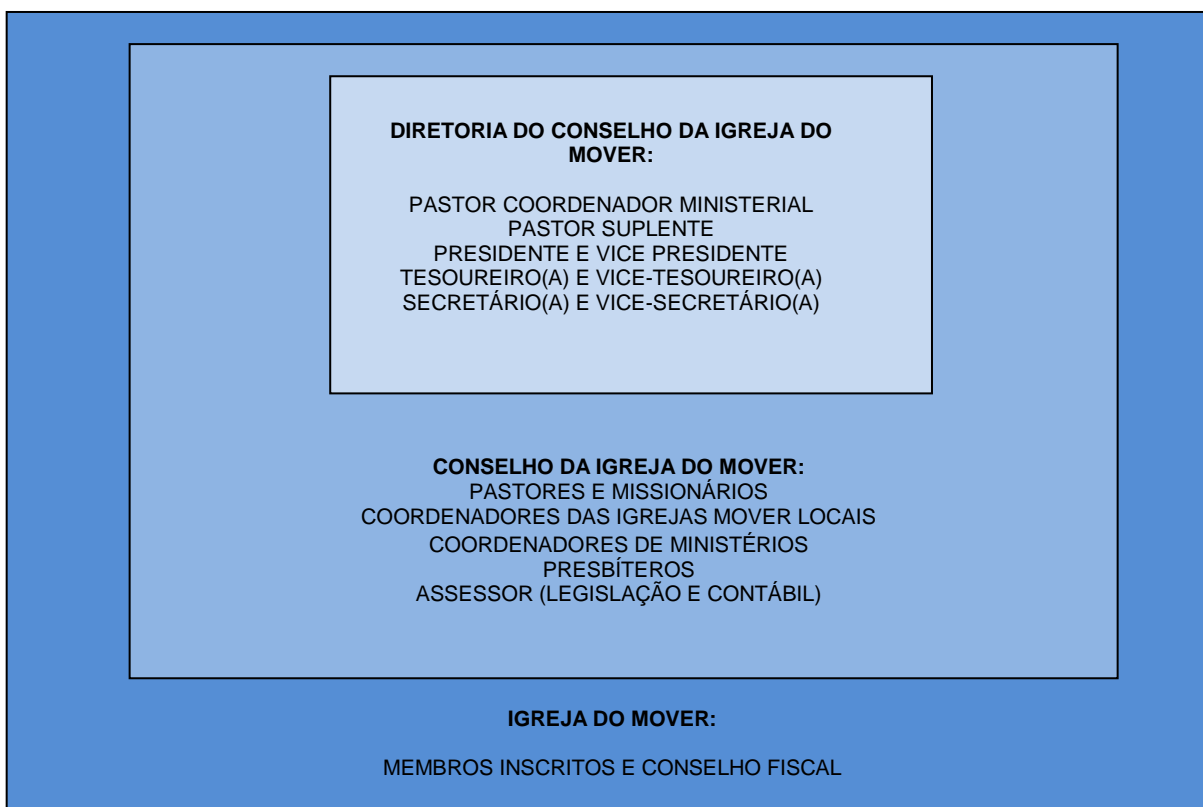
### 3.2.2 Estrutura organizacional da Igreja do Mover

Atualmente, a igreja conta com oito pastores e quatro funcionários (dois para a secretaria e dois para a limpeza) e é gerida pelo Conselho da Igreja do Mover, que delibera sobre qualquer assunto ou matéria da igreja e elege a Diretoria do Conselho do Mover. São membros natos do Conselho do Mover: pastores, missionários, coordenadores de ministérios,<sup>8</sup> Coordenadores das Igrejas do Mover locais, Presbíteros Constituídos, irmãos indicados em número máximo de cinco pessoas e o Assessor Contábil/Legislação. A Diretoria do Conselho da Igreja do Mover tem a

<sup>8</sup> Os ministérios existentes hoje na igreja são: Escola Bíblica de Crianças, Rede Jovem (Mover *Teen*, Mover Jovem, Mover Mais, Mover Algo Mais), Louvor, Coreografia, Casais, Missão, Teatro, Misericórdia, Libertação, Oração, Integração de Membros.

função de executar, acompanhar, orientar e planejar todas as atividades da igreja. Os cargos só podem ser ocupados por membros do Conselho da Igreja do Mover. São membros natos da diretoria: Pastor Coordenador Ministerial e Pastor Suplente. São membros eleitos pelo Conselho do Mover para a Diretoria: Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro(a), Vice-Tesoureiro(a), Secretário(a), Vice-Secretário(a). A seguir, o Quadro 1 ilustra a estrutura organizacional da Igreja do Mover.

Quadro 1 - A estrutura organizacional da Igreja do Mover



Fonte: <<http://www.igrejadomover.org.br/theme/organograma.jpg>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

### 3.2.3 Alguns tópicos da doutrina pregada

De acordo com Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, o mundo e o homem foram criados por Deus. O primeiro homem, Adão, e a primeira mulher, Eva, viviam em um jardim denominado Éden e nele tinham tudo o que necessitavam para viver. Todos os dias, Deus ia visitá-los. Existiam muitas árvores no Jardim, e de todas elas Adão e Eva poderiam alimentar-se, exceto uma, chamada “árvore do conhecimento do bem e do mal”. Dessa árvore, Deus havia ordenado para que não comessem. Um dia, Eva e Adão comeram o fruto, desobedeceram a Deus e, por isso, foram

expulsos do paraíso. Desde então, o homem vive distante de Deus. Porém, Deus, em seu infinito amor, enviou seu Filho a Terra, para que, pelo sacrifício Dele, o homem pudesse conectar-se novamente a Deus.

A fé em Jesus Cristo como o “Messias: Filho de Deus e Salvador” é a característica fundamental de um crente evangélico. Para os evangélicos, o homem nasce em uma condição de pecado, e só pelo sacrifício de Jesus na cruz, a pessoa pode ser salva. Os católicos adotam a Bíblia e a tradição da igreja como fontes da revelação divina, pois consideram que a Bíblia registra a revelação divina que se renova espiritualmente na instituição católica, a qual mantem a sucessão apostólica do magistério eclesiástico. Em oposição, os evangélicos consideram a Bíblia como a única fonte da revelação, a própria Palavra de Deus. Por meio, de um lado, do esforço humano de fazer a leitura da Bíblia e, de outro, do Espírito Santo, o fiel pode compreendê-la e, assim, orientar sua vida de acordo com a vontade de Deus. Para os cristãos, evangélicos ou católicos, a vida não se resume aos anos que passam na Terra, acreditando que Deus presenteará aqueles que creram Nele com a eternidade no céu. No Quadro 2, apresentam-se as bases da doutrina pregada na Igreja do Mover.

Quadro 2 - Bases da doutrina pregada na Igreja do Mover

<b>Bases da doutrina pregada na Igreja do Mover</b>	
<b>Alicerce da Doutrina</b>	A Bíblia.
<b>Interpretação/Revelação</b>	Todo fiel pode e deve estudar a Bíblia sozinho, e a revelação é dada por meio do Espírito Santo.
<b>Vida após a morte</b>	Paraíso ou Inferno.
<b>Salvação</b>	Pela fé no sacrifício de Jesus na Cruz.
<b>Referências Espirituais</b>	Crença em um único Deus, formado por três pessoas: A Trindade - Deus Pai, Deus Filho (Jesus) e Deus Espírito Santo.
<b>Sacerdócio</b>	Exercido por homens e mulheres que podem constituir família.
<b>Cura das doenças</b>	Por meio de Deus e da medicina.
<b>Início do Consumo de Drogas</b>	Falta de comunhão com Deus e obra do Diabo (Satanás)

Fonte: Autora, 2015.

## **4 PERCURSO METODOLÓGICO**

### **4.1 Escolha do método qualitativo**

De acordo com Richardson (1999), as pesquisas em Ciências Sociais têm como objetivo principal contribuir para o desenvolvimento do ser humano, buscando a aquisição de conhecimento acerca de fenômenos sociais. Nesse contexto, Mills (1975) define o pesquisador social como alguém com um grande desejo em ver sentido no mundo, que faz da investigação científica o seu ofício.

O caminho que o pesquisador traça para atingir seu objetivo é chamado de método, o qual deve oferecer os subsídios para a compreensão do problema investigado. Os procedimentos e regras utilizados por esse método consistem em sua metodologia (RICHARDSON, 1999).

Diante do objetivo desta pesquisa, definiu-se como metodologia a pesquisa qualitativa. O método qualitativo privilegia a compreensão de situações complexas e particulares, em especial, de processos dinâmicos vividos por grupos sociais dos quais se dispõe de pouca informação (RICHARDSON, 1999). Acredita-se que esse método fomenta a compreensão do fenômeno em questão, qual seja, as dimensões pedagógicas das práticas religiosas de um grupo de adolescentes pertencentes a uma igreja evangélica do município de Canoas/RS, que atuam na proteção ao uso de drogas na adolescência.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com seis jovens, membros do Movimento Evangélico de Renovação – Mover, uma Igreja Cristã Evangélica criada e organizada, inicialmente, no município de Canoas/RS. Esse contexto caracteriza a pesquisa como um estudo de caso.

### **4.2 A relação da pesquisadora com o grupo participante da pesquisa**

É importante informar que a pesquisadora participa, como membra inscrita, da Igreja do Mover desde o ano de 2009. Como mencionado na Introdução, considera-se como praticante da fé cristã evangélica desde a primeira infância.

A opção por estudar a igreja onde participa deu-se, principalmente, pela maior agilidade com que poderia acessar pessoas e informações da congregação. Além

disso, o fato de os jovens participantes saberem que a pesquisadora é “uma deles” facilitou o estabelecimento de confiança e o diálogo durante as entrevistas.

### **4.3 Amostra intencional**

A amostragem em pesquisa qualitativa não se detém no critério numérico, antes, preocupa-se com a capacidade desta em contribuir para compreensão do fenômeno investigado. Dessa forma, em estudos qualitativos, são utilizadas amostras intencionais, ou seja, são selecionados participantes ricos em informações acerca do fenômeno que o investigador pretende compreender. Por isso, definiram-se, previamente, alguns critérios para a seleção dos participantes desta pesquisa.

Os critérios de inclusão foram: ser membro do Mover, exercer alguma função de liderança no grupo de adolescentes da congregação-sede e ter entre 12 e 25 anos. Esse recorte está pautado na relevância de ouvir jovens que, além de participarem das atividades da Rede Jovem, também se envolverem no planejamento e na execução de atividades voltadas aos adolescentes. Além disso, os participantes deveriam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no caso dos jovens com idade superior a 18 anos. Os jovens menores de idade deveriam assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e seu responsável, o TCLE.

### **4.4 Obtenção da amostra intencional**

A pesquisa de campo iniciou em dezembro de 2014, quando a pesquisadora reuniu-se com o Pastor Paulo G. Böhm, Coordenador Ministerial da Igreja do Mover. Esse primeiro contato teve como objetivo apresentar o projeto de pesquisa e verificar a possibilidade de executá-lo na instituição. Alguns dias depois, o Conselho da Igreja do Mover reuniu-se, votou e aceitou a realização da pesquisa.

Em março de 2015, houve um encontro com o Pastor Isaac Böhm, responsável pela Rede Jovem, momento em que, novamente, o projeto de pesquisa foi apresentado. Na ocasião, solicitou-se ao Pastor o contato dos jovens líderes da Rede Jovem de Canoas, para convidá-los a participar da pesquisa. Ele entendeu que seria melhor conversar previamente com os jovens, a fim de motivá-los. Essa conversa aconteceu alguns meses depois, e apenas no mês de junho de 2015, a



pesquisadora recebeu a lista com nomes e telefones de oito jovens. Naturalmente, os participantes da pesquisa podem não tem ciência do curto tempo que o pesquisador possui para obter os dados e, por isso, não agem com pressa. Nesse período de espera, a pesquisadora optou por manter uma postura compreensiva, estabelecendo contato com o Pastor, e, sempre que não considerava inconveniente, lembrava-o da importância de contatar os jovens o mais rápido possível.

Assim que foi disponibilizada a listagem com o nome e o contato dos jovens, a pesquisadora contatou-os por meio de mensagens eletrônicas (*Whatsapp*). Seis jovens que atendiam aos critérios de inclusão aceitaram participar de forma voluntária. Portanto, participaram da pesquisa seis jovens, com idades entre 17 e 23 anos, sendo três (50%) do sexo masculino e três (50%) do sexo feminino.

#### **4.5 Estrutura e aplicação das entrevistas**

Para coleta dos dados, optou-se pela entrevista semiestruturada, o que contempla questões norteadoras previamente padronizadas, formuladas a partir do referencial teórico do estudo. Contudo, tal estrutura não foi aplicada rigidamente, pois outras questões emergiram durante o diálogo com os participantes.

De forma geral, as perguntas versaram sobre a vivência dos jovens, tanto nas atividades religiosas como em outras atividades sociais; seu papel como líder dos adolescentes; sua percepção a respeito do tema drogas; dados sociodemográficos que buscaram o conhecimento da condição financeira, cultural e social dos participantes. No total, a entrevista apresentou cinco tópicos centrais, conforme descritos a seguir, divididos em 30 questões.

a) Dados sociodemográficos: informações referentes à condição financeira, cultural e social dos participantes;

b) Perfil religioso: crenças e práticas religiosas dos participantes e de suas famílias;

c) Perfil social: atividades sociais dos participantes, tais como grupo de amigos, principais atividades de lazer e relação com seus familiares;

d) Prática como líder: visão dos participantes sobre seu papel como líderes do grupo de adolescentes;

e) Percepção sobre o uso de drogas por adolescentes: hipóteses dos participantes sobre o motivo pelo qual um adolescente opta por usar drogas.

As entrevistas foram realizadas na sede da Igreja do Mover, em Canoas, no mês de junho de 2015. Para que os encontros pudessem acontecer com maior privacidade e com menos possibilidade de interrupções, optou-se por um local mais reservado dentro do prédio da igreja, em uma das salas destinadas à escola bíblica infantil. Os horários das entrevistas variaram de acordo com a disponibilidade dos participantes, especialmente antes ou após alguma atividade da igreja da qual já iriam participar.

Todos os jovens receberam informações gerais sobre a pesquisa e seus objetivos. As entrevistas foram gravadas em concordância prévia dos participantes e, após, transcritas para a análise.

#### **4.6 Análise dos dados**

Para análise dos dados, seguiram-se os princípios da *grounded-theory* ou teoria fundamentada nos dados (STRAUSS; CORBIN, 2008). Tal metodologia engloba técnicas e procedimentos que possibilitam o desenvolvimento de uma teoria fundamentada nos dados obtidos durante a pesquisa. A recomendação dos precursores da *teoria fundamentada* é que o pesquisador interaja com seus dados e tenha um olhar próprio sobre eles, “deixando de lado”, em um primeiro momento, as teorias e hipóteses previamente elaboradas sobre o tema que está pesquisando. Essa postura possibilita uma nova compreensão sobre o fenômeno em estudo.

Segundo a *teoria fundamentada*, após a realização das entrevistas e transcrição integral das falas, a primeira etapa do processo de análise é a *interação* com os dados. Por isso, as entrevistas foram lidas e ouvidas diversas vezes. Durante esse processo e também nas etapas seguintes da análise, emergiram reflexões, questionamentos, ideias e interpretações, tudo registrado para posterior validação.

O próximo passo da análise é chamado de *codificação aberta*, momento em que as entrevistas são observadas linha a linha. Muito esforço é despendido nesse processo, pois se busca definir “o que está acontecendo nos dados”, ao mesmo tempo em que se inicia uma investigação dos significados presentes. De acordo com Strauss e Corbin (2008, p. 111), nessa etapa, “[...] queremos discernir o leque de significados contidos nas palavras usadas pelos informantes e desenvolvê-los mais completamente em termos de propriedade e dimensões”. No Quadro 3, consta um

exemplo de codificação no trecho de uma entrevista.

Quadro 3 - Exemplo de codificação aberta

<i>Trecho de uma entrevista</i>	<i>Codificação Aberta</i>
<p>Bem, eu sou líder do grupo de adolescentes, então acredito que é uma responsabilidade muito grande porque os adolescentes estão formando a opinião deles, eles estão formando o caráter deles em relação à igreja por exemplo. Então qualquer coisa que eu passar pra eles com certeza pode influenciar em que eles vão ser no futuro. Até porque eles têm uma visão de nós assim muito... Como alguém que eu quero ser. Então, eu sempre cuido bastante o que eu vou falar, o que eu vou ensinar, porque isso pode influenciar no que eles vão querer fazer. Alguns dizem: “eu quero fazer o mesmo curso que tu”, “eu quero ter o mesmo ministério<sup>9</sup> que tu”, “eu te vejo e te acho um cara legal”, e eles procuram buscar ser quem tu é, então acredito que esse é maior e principal papel influenciar eles assim, com nosso bom testemunho e dar o caminho que eles tem que seguir.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acreditando que ser líder é uma responsabilidade muito grande.</li> <li>• Adolescentes formando sua opinião e seu caráter.</li> <li>• Pensando ser uma influência para o futuro dos adolescentes.</li> <li>• Líderes como referência pessoal.</li> <li>• Adolescentes querendo ser como os líderes.</li> <li>• Líderes dando bom exemplo e mostrando o caminho.</li> </ul>

Fonte: Autora, 2015.

Depois que todas as entrevistas foram codificadas, os conceitos extraídos das falas dos jovens foram agrupados “[...] sob termos explicativos mais abstratos [...]” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 115), processo denominado *categorização*. Enquanto agrupava os conceitos, a pesquisadora perguntava-se: O que está acontecendo aqui? O que esses códigos representam? Das respostas para essas perguntas, surgiram os nomes das categorias.

Após a categorização, iniciou-se a *codificação axial*, quando se organizam os conceitos em torno do eixo de uma categoria, buscando explicações mais específicas para ela, tais como: Quando? Onde? Por quê? Quem? Dessa forma, pode-se definir a *codificação axial* como “[...] o processo de relacionar categorias às suas subcategorias ao longo das linhas de suas propriedades e dimensões” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 124). Esse processo não é linear, pois, durante a

<sup>9</sup> Ministério significa, na teologia desta denominação cristã, as atividades pastorais organizadas pela igreja e exercidas tanto por leigos quanto por pastores. No caso, é o ministério (o trabalho pastoral) junto aos jovens.

análise, algumas categorias transformaram-se em subcategorias e subcategorias em categorias; subcategorias também mudam sua órbita, sendo relacionadas a outras categorias. Para representar as relações entre as categorias e suas subcategorias, foram formulados alguns diagramas.

A *codificação seletiva* (STRAUSS; CORBIN, 2008) é a última parte da análise, quando se integram todas as categorias e formula-se a *teoria fundamentada nos dados*. Para isso, é necessário que se encontre uma categoria chamada de *categoria central*, que é “[...] a ideia conceitual sob a qual todas as outras categorias possam ser agrupadas” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 146). Essa última etapa de análise será apresentada no capítulo 6, referente à discussão dos dados.

## 5 RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa. Nos itens 5.1 e 5.2, constam as características sociodemográficas e a formação religiosa dos participantes; no item 5.3, as categorias e subcategorias que emergiram da análise dos dados obtidos nas entrevistas com os jovens.

### 5.1 Características sociodemográficas dos participantes

O Quadro 4 apresenta as principais características sociodemográficas dos participantes da pesquisa.

Quadro 4 - Características sociodemográficas dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Estado civil	Escolaridade	Instituição	Mora com	Exerce atividade remunerada?	Renda
1	F	20	Solteira	Cursando Ensino Superior	Federal	A Mãe	Não	-
2	M	19	Solteiro	Ensino Médio Completo	-	Os Pais	Não	-
3	F	22	Solteira	Cursando Ensino Superior	Particular	Os Pais	Sim	R\$1.800,00
4	M	17	Solteiro	Cursando Ensino Médio	Estadual	Os Pais	Sim	R\$500,00
5	M	19	Solteiro	Cursando Ensino Superior	Particular (com bolsa)	Os Pais	Sim	R\$400,00
6	F	23	Solteira	Cursando Ensino Superior	Particular	Os Pais	Sim	R\$1.400,00

Fonte: Autora, 2015.

Participaram da pesquisa seis jovens, três do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades entre 17 e 23 anos, todos solteiros e morando com sua família. Quatro jovens afirmaram exercer alguma atividade remunerada; no entanto, vale lembrar que a renda obtida por eles não representa a renda total da família. Por isso, não foi possível conhecer o real poder aquisitivo dos participantes.

Um dado relevante foi o grau de escolaridade dos jovens, que está condizente com a faixa etária. Dentre eles, apenas um concluiu o Ensino Médio e não está estudando. Outro, o mais novo, com 17 anos, está cursando o Ensino Médio. Quatro estão cursando o Ensino Superior. Isso demonstra tanto o acesso desse grupo à educação, como sua aparente diligência em relação aos estudos.

## 5.2 Formação religiosa dos participantes

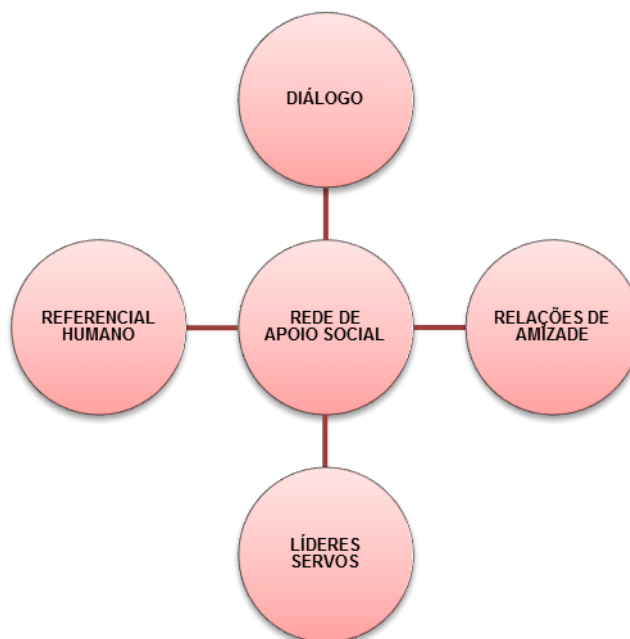
A educação religiosa na infância surge como uma característica comum entre os jovens. Todos declararam que frequentam a igreja evangélica, juntamente com seus pais, desde a primeira infância. O participante 5 foi o que afirmou ter começado a frequentar a igreja com mais idade, aos cinco anos. Outro dado relevante é que todos eles informaram que seus pais também são adeptos da mesma religião e apenas a família do participante 2 não é membra da Igreja do Mover, mas de outra denominação evangélica.

## 5.3 Entrevistas

Nesta seção, são apresentadas as categorias e subcategorias que emergiram da análise dos dados obtidos nas entrevistas com os jovens. As CATEGORIAS estão escritas em letras maiúsculas e as **subcategorias**, em negrito e minúsculas. Como mencionado no método, para representar alguns conceitos e as relações entre as categorias e suas subcategorias, foram formulados diagramas.

A primeira categoria observada durante a análise das entrevistas refere-se às relações entre os indivíduos do grupo. Nas falas dos participantes, evidencia-se claramente que o grupo de jovens da Igreja do Mover oferece apoio social aos seus membros. Além disso, a análise revelou uma característica peculiar: ao mesmo tempo em que os jovens sentem-se apoiados por pessoas do grupo, também são fontes de apoio para outros integrantes, formando assim uma REDE DE APOIO SOCIAL, a qual possui uma dinâmica que envolve: **diálogo, líderes servos, referencial humano e relações de amizade**, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Rede de apoio social



Fonte: Autora, 2015.

Os participantes da pesquisa avaliaram de forma positiva o relacionamento com suas respectivas famílias, utilizando palavras como “tranquilo”, “bom” e “muito bom”, ao falarem sobre a convivência com seus pais. Um dos participantes utilizou a expressão “o melhor possível”. Entretanto, ao serem questionados sobre qual pessoa procuram quando estão em alguma situação de conflito ou dúvidas sobre a vida, afirmaram que costumam recorrer a membros do grupo de jovens ou da Igreja, como pode ser verificado em algumas falas dos jovens:

*[...] tem uma pessoa aqui da igreja que eu confio muito, hoje ela nem é da Mover Sede, ela é da Mover Sertão Santana, que quando eu tenho algum problema, alguma coisa, eu sei que eu sempre posso correr pra ela (Participante 1).*

*[...] normalmente é com alguma líder mais próxima, é... uhum... líder do Mover Mais ou da igreja, mas normalmente algum líder do Mover Mais (Participante 3).*

*Eu falo com o pastor né... com o pastor da Rede Jovem. Eu gosto de conversar com ele porque eu me sinto mais seguro assim de contar as coisas que passam comigo pra ele (Participante 4).*

*Eu tento falar com o Issac (pastor dos jovens) que é um cara assim que me ajudou bastante em vários momentos da minha vida, então eu sempre tento compartilhar com ele (Participante 5).*

Pode-se questionar por que esses jovens não falam sobre tudo com seus pais, afinal, todos moram com eles e afirmaram ter um bom relacionamento. A justificativa

pode ser a fase do desenvolvimento humano em que se encontram. Como citado nos capítulos 1 e 2 desta dissertação, na adolescência, assim como no início da juventude, há um afastamento daqueles que até então nos protegeram e acabamos ficando mais vulneráveis. Por isso, é importante que adolescentes e jovens tenham disponíveis espaços fora do restrito âmbito familiar, que sejam acolhedores, que disponibilizem grupos dispostos a apoiá-los e pessoas dispostas a escutá-los.

Como mencionado no capítulo 4, os jovens integrantes desta pesquisa participam das atividades do grupo de jovens como membros e são líderes do grupo *Mover Teen*; sendo assim, atuam no planejamento das atividades destinadas aos adolescentes. Ao falarem sobre a programação dos encontros e as atividades que organizam, foi possível perceber o esforço empregado por eles para promover espaço de **diálogo** com os adolescentes.

*A gente se divide em pequenos grupos para também dar liberdade para o adolescente falar, tipo, “isso eu não concordo”, “isso eu concordo”, “eu entendo assim”, “eu tenho dificuldade nisso” (Participante 1).*

*Cada líder tem os seus integrantes no minigrupo, e ali eles podem abrir um pouco mais do que, da intimidade deles que eles não abrem no grande grupo... Até porque tem adolescentes do sexo oposto então... eles se sentem mais a vontade assim para compartilhar das coisas (Participante 5).*

*[...] através dos minigrupos a gente consegue trabalhar melhor com eles e eles conseguem interagir junto, então... a gente tá dando a Palavra<sup>10</sup> e eles conseguem interagir na Palavra, falar experiências próprias e a gente consegue, sei lá... dar dicas pra eles (Participante 6).*

As atividades dos minigrupos acontecem todos os sábados, durante os encontros do *Mover Teen*. Outra atividade citada pelos participantes, cujo objetivo é promover o diálogo sobre assuntos mais íntimos e próprios da adolescência, é denominada “noites do pijama”.

*[...] eu não me lembro se a gente tratou isso como um tema principal do Mover Teen, pode ser que tenha sido abordado em uma noite do pijama dos guris, que quando a gente tem esses momentos separados, a gente aborda assuntos mais específicos (Participante 1).*

*[...] normalmente na noite do pijama a gente fala sobre sexualidade, e drogas, e relacionamentos, normalmente é falado sobre isso (Participante 6).*

---

<sup>10</sup> Palavra significa mais do que o texto impresso da Bíblia, refere-se à pregação feita a partir do texto bíblico sob a iluminação do Espírito Santo. Essa é a tradição evangélica tradicional; no entanto, neste grupo, a Palavra assume um sentido peculiar, pois é entendida como resultado da interação do grupo, do diálogo a partir da mensagem transmitida pelo líder do grupo.



Além disso, alguns participantes também expressaram que faz parte do papel do líder estar disponível para ouvir e conversar com os adolescentes sempre que precisarem.

*[...] eles têm total liberdade para vir até nós, a gente conversa sobre qualquer coisa sempre. Então, se algum adolescente tivesse qualquer dúvida e viesse até nós, a gente conversaria sobre isso sem nenhum problema (Participante 1).*

*[...] eu tô ali pra ajudar alguém, que tipo... não quer compartilhar algo pra todo mundo, mas queira conversar (Participante 4).*

Como observado, os participantes têm à sua disposição pessoas com quem podem conversar e buscar apoio. Os líderes sentem-se responsáveis por proporcionar essa escuta e esse apoio aos adolescentes. Nessa rede de apoio social, o perfil de **líderes servos** tem grande relevância. Os trechos das entrevistas citados a seguir demonstram uma atitude de dedicação dos participantes em relação ao seu papel de líder. Aparentemente, esses jovens estão imbuídos da importância que têm na vida dos adolescentes.

*[...] a gente conversou sobre o que estava dando certo, o que precisava mudar, se alguém tinha alguma ideia pra melhorar, como ia ser o nosso 'acampa'... ideias... pra servir melhor os adolescentes (Participante 1).*

*[...] os líderes acompanham o adolescente mais de perto né... E a gente costuma ir na casa do adolescente, conversar com os pais, procura ter um relacionamento mais de perto né, não só na igreja (Participante 2).*

*A gente fica livre e disponível pra eles... "se tu tá precisando de alguma coisa, liga! Manda uma mensagem!" (Participante 5).*

O trabalho pedagógico dos líderes, o planejamento e a execução das atividades demandam tempo. Os participantes relataram que costumam reunir-se a cada dois meses junto com o pastor da Rede Jovem, para planejarem as atividades e distribuírem as tarefas entre os líderes. Os líderes dedicam suas tardes de sábado para estarem nos encontros do Mover Teen, além de organizarem e participarem dos acampamentos, noites do pijama e outras programações especiais. Há uma preocupação para que essas atividades sejam adequadas à faixa etária dos adolescentes e empenho por parte da liderança na elaboração de programações divertidas.

*Uma vez por ano ou duas, a gente faz algum retiro, o acampa, tem um que tá pra acontecer mês que vem agora, que a gente tenta fazer algo*

*completamente fora do normal, a gente dorme em barraca, a gente faz fogueira (Participante 1).*

*Na época de férias daí que a gente procura fazer alguma coisa diferente pra não ficar tudo aqui, até porque é muito quente, daí a gente procura um lugar com piscina, alguma coisa assim (Participante 3).*

*A gente tem duas vezes por ano um retiro assim como conferência, moverão, que eles participam também, e a gente tá sempre tentando levar eles para fazer uma coisa diferente (Participante 5).*

*Antes de iniciar o grupo, a gente faz alguma coisa para interagir, uma dinâmica, ou jogar futebol, ou jogar vôlei e todos eles gostam de fazer algum exercício, então... a gente consegue interagir com todos eles através disso né. Pra que não se torne uma coisa chata: vem aqui tem a Palavra e deu! (Participante 6).*

Na visão desse grupo, o foco não está no líder, e sim nos liderados. Todo trabalho é organizado para que os adolescentes sintam prazer em participar das atividades, justificando o nome dessa subcategoria.

As falas dos participantes também revelam uma atribuição intrínseca à liderança, que tem papel fundamental nesse contexto de apoio social. Trata-se da posição de **referencial humano** que os líderes assumem diante de seus liderados. Por exemplo, ao ser questionada sobre as tarefas dos líderes, a participante 1 respondeu:

*[...] a gente tenta mostrar pra eles que dá pra se divertir, dá pra jogar futebol, dá pra jogar um vôlei, dá pra rir, dá pra ser descolado, dentro do que eles acham que é isso, e ter Deus junto (Participante 1).*

Em outra questão, enquanto explicava as atividades que acontecem aos sábados, ela falou: “*E depois a gente vai lá pra quadra, aí a gente joga futebol, joga vôlei, brinca...*” (Participante 1). No primeiro trecho citado, a participante 1 afirma que os ensinamentos devem ser “mostrados”. No segundo trecho, mesmo que em outra questão, ela conta como faz isso. Examinando a relação entre esses dois momentos da entrevista, compreende-se sua concepção do líder como um referencial humano para mostrar aos adolescentes que é possível “se divertir” e “ter Deus junto”. Ela precisa estar presente, por isso, participa dos momentos de entretenimento com os adolescentes. A participante 3 compartilha dessa concepção. No trecho a seguir, pode-se observar que ela também utilizou a expressão “estar junto”, com o objetivo de “mostrar” o que a Bíblia fala.

*[...] a gente joga vôlei com eles e tal... O nosso papel é ficar junto com eles e aproveitar esse tempo de... como eles estão abertos a receber... E mostrar o que a Bíblia fala (Participante 3).*

No contexto desse grupo, os membros menos experientes podem aprender por meio da convivência com seus líderes, vendo-os praticarem o que pregam. Dessa forma, os líderes são um referencial, “alguém para quem olhar”. O participante 5 expressou isso claramente, como visto a seguir:

*[...] eles tem uma visão de nós assim muito... como alguém que eu quero ser. Então, eu sempre cuido bastante o que eu vou falar, o que eu vou ensinar, porque isso pode influenciar no que eles vão querer fazer. Alguns dizem: “eu quero fazer o mesmo curso que tu”, “eu quero ter o mesmo ministério que tu”, “eu te vejo e te acho um cara legal”. E eles procuram buscar ser quem tu é, então acredito que esse é maior principal papel influenciar eles assim, com nosso bom testemunho e dar o caminho que eles tem que seguir (Participante 5).*

Outra forma pela qual os jovens demonstram que são referenciais humanos para seus liderados é por intermédio da partilha de experiências.

*Eu busco passar o que eu aprendi na minha adolescência né, porque repetindo... a fase mais difícil na vida de um ser humano é a adolescência, porque a pessoa tem crise de identidade (Participante 2).*

*Eu não tive muitas experiências boas no colégio, assim... com amigos, já tive experiências de amizades ruins né, mas não cheguei a me prejudicar sobre isso, mas... eu tento ensinar eles a não fazer nada de errado naquela fase que eles estão né (Participante 4).*

A fala do participante 4, citada anteriormente, refere-se à partilha de experiências, mas também revela sua preocupação como líder, para que seus liderados não se envolvam com amizades que possam prejudicá-los. A perspectiva do cuidado com relação a possíveis influências negativas será abordada com mais profundidade posteriormente. Neste momento, apresenta-se outra subcategoria da rede apoio social: as **relações de amizade** entre os membros do grupo.

Como mencionado nos capítulos 1 e 2, participar de grupos de amigos com a mesma faixa etária faz parte dessa etapa do desenvolvimento humano. As **relações de amizade** foram citadas diversas vezes nas entrevistas. Primeiramente, evidencia-se que os jovens têm seu círculo de amizade com outros membros da Rede Jovem e da igreja. Todos afirmaram que seus amigos são “os da igreja”.

*[...] todos os meus amigos estão aqui né, tudo o que eu faço é com eles (Participante 2).*

*A grande maioria dos meus amigos, os que permanecem até hoje, são realmente os amigos da igreja e normalmente quando eu saio é com o pessoal da igreja (Participante 6).*

Para alguns dos jovens, estar com os amigos, além de ser uma das formas de se divertir, também fortalece suas crenças e preceitos religiosos. Quando questionados sobre o que mais gostam de fazer na igreja, dois participantes responderam:

*[...] dos amigos que buscam a mesma coisa que eu, daí a proximidade e a comunhão (Participante 3).*

*A comunhão! Estar com as pessoas, estar com meus amigos e poder buscar a Deus que é o mais importante aqui (Participante 5).*

Outros participantes afirmaram que mantêm relacionamentos de amizade e coleguismo com pessoas da faculdade ou do trabalho; porém, ressaltaram que não compartilham de todas as práticas dessas pessoas, principalmente no que se refere ao consumo de álcool, tabaco, drogas e à participação em festas.

*[...] como eu faço faculdade, eu também tenho um círculo de amizade que envolve pessoas que não são aqui da Mover. Mas não se estende a coisas assim... vou dizer, que seria os hobbies deles né, a gente faz algo que seria em comum, que seria assim... um almoço, mas como eu não partilho de sei lá... sexta de noite eu vou ir em uma festa com eles... isso não! (Participante 1).*

*[...] eu não tenho muito contato com eles no final de semana, mais durante a semana... que são os colegas de aula da faculdade e algum de trabalho. Eles me veem diferente, pelo fato de que não saio pra fazer as mesmas coisas que eles fazem (Participante 3).*

*Eu tenho amigos que usam drogas assim e todos eles usam maconha né... colegas assim do colégio, mas eu não tenho problemas com isso, tipo deles usarem assim... Não que eu apoie, mas eu não tenho problema de brigar com eles ou deixar de falar com eles. Eu tento sempre ajudar né, tentar mudar de ideia assim (Participante 4).*

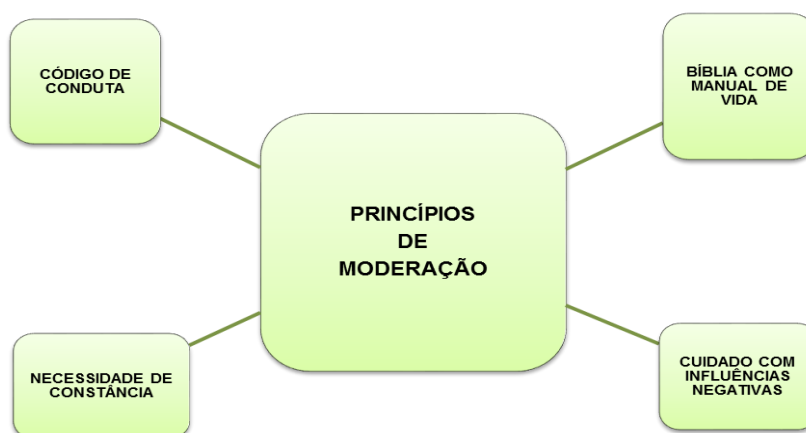
*É muito difícil, muito raro eu sair com alguém, o pessoal do serviço, muito raro mesmo... Exceto na festa de final de ano da empresa que eu fico uma hora, só pra fazer o social né... Muito raro eu sair se não for com o pessoal da igreja (Participante 6).*

Os vínculos de amizade entre os jovens do grupo são fortalecidos pela visão de mundo compartilhada por seus membros e pelos princípios que regem suas vidas. Nesse sentido, as falas dos jovens revelam uma dimensão importante para a

compreensão do fenômeno em questão: a existência de PRINCÍPIOS DE MODERAÇÃO no grupo.

Em relação a esses PRINCÍPIOS DE MODERAÇÃO, quatro conceitos estão presentes nas entrevistas. São eles: o **código de conduta**, a **necessidade de constância**, o **cuidado com influências negativas** e a **Bíblia como guia** para a vida, conforme a Figura 2.

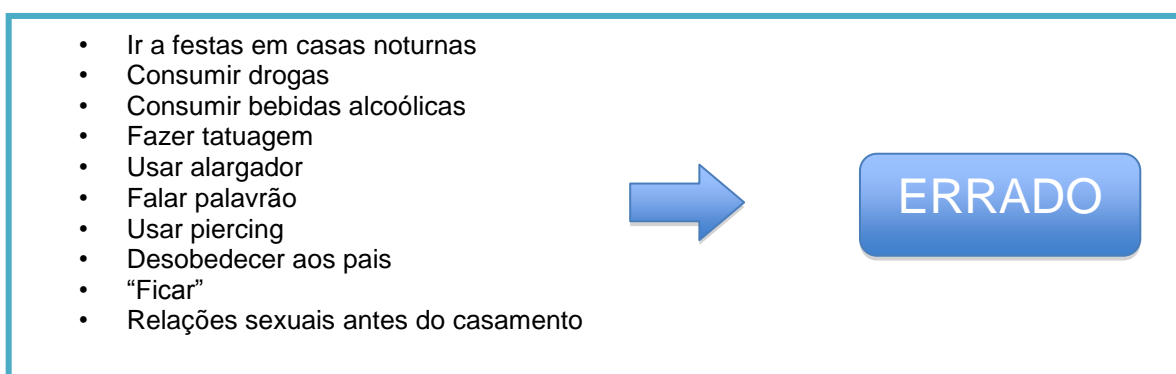
Figura 2 - Princípios de Moderação



Fonte: Autora, 2015.

Durante as entrevistas, os participantes definiram determinados comportamentos e atitudes como “certos” ou “errados” com relevante firmeza. Assim, pode-se perceber que o grupo estudado possui um **código de conduta** compartilhado por seus membros. A seguir, a Figura 3 apresenta algumas atitudes classificadas como “erradas” pelos participantes.

Figura 3 - Atitudes erradas



Fonte: Autora, 2015.

Alguns dos comportamentos citados anteriormente podem parecer muito próprios da juventude. Diante disso, questiona-se: Esses jovens realmente seguem esse código? Como eles encaram esses “não pode” e/ou “não deve”? Nesse sentido, três participantes expressaram o esforço que empenham para fazer o que consideram certo em detrimento do errado.

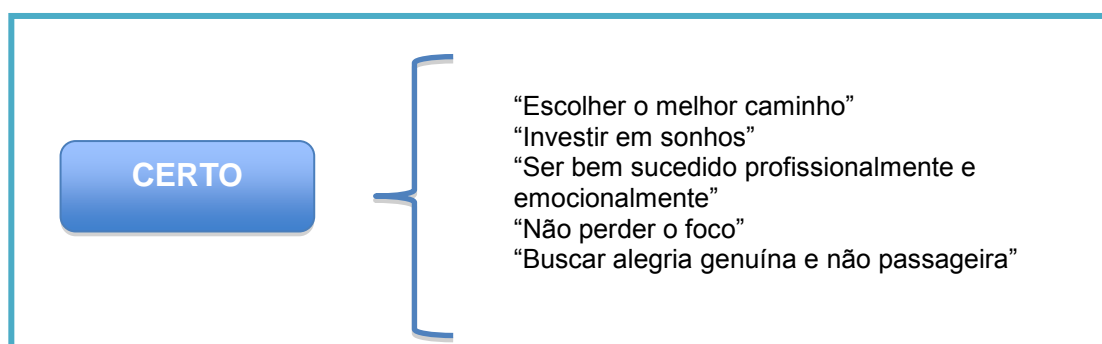
*Indo na igreja ou não eu continuo sendo um ser humano né? Com erros e defeitos. A única diferença é que a pessoa tenta mudar, entendeu? Quando a pessoa vai na igreja ela tenta corrigir os erros, isso que eu acho bastante diferencial (Participante 2).*

*Na igreja, eu aprendi a não ser influenciado, né? Principalmente por coisas ruins, tipo ter autonomia para saber o que é certo e o que é errado e não seguir atrás de qualquer um assim, qualquer coisa... saber o que é certo e saber o que eu devo fazer. Às vezes, acontece, né? A gente faz coisas erradas, mas a gente sempre tá ali se esforçando para não fazer nada de errado (Participante 4).*

*Eu recebo proposta de ir pra festas, usar drogas e ter relações com outras meninas e eu procuro sempre me manter focado assim... dizer não. Eu sei que é uma coisa que é prazerosa no momento, mas, depois, não vai ser o melhor caminho (Participante 5).*

Nas falas anteriores, observa-se que esses jovens costumam refletir sobre seus comportamentos e atitudes e, embora admitam dificuldades para cumprir o que consideram certo, não deixam de se esforçar para fazê-lo. Qual a sua motivação? A Figura 4 expõe algumas expressões utilizadas pelos participantes que indicam como suas decisões são adotadas pensando em longo prazo.

Figura 4 - Atitudes certas



Fonte: Autora, 2015.

Assim, para além de um comportamento moralista baseado em regras pré-estabelecidas pela religião da qual fazem parte, os jovens revelaram que refletem sobre suas escolhas e atribuem sentido ao código de conduta que seguem:

acreditam que essa forma de viver “vale a pena”, que lhes traz benefícios imediatos e futuros.

Surge, então, mais uma característica dos princípios de moderação existentes no grupo, a **necessidade de constância**: seguir o código de conduta deve ser um estilo de vida. A subcategoria foi apresentada quando alguns dos jovens mencionaram a importância de ensinar seus liderados a “ser a mesma pessoa” quando estão fora do ambiente religioso.

*O essencial é saber que a vida cristã não é só na igreja, né? O adolescente tem que demonstrar isso fora da igreja, tem que praticar o que aprende na igreja, na escola, com os pais, obedecendo os pais (Participante 2).*

*[...] ele têm que sempre saber que ele não vai ser igual a todos que ele vai ter na volta dele, por exemplo, no colégio... ele não vai ser igual aos amiguinhos que andam com a roupa tal e tem o dialeto tal e fazem tal coisa (Participante 4).*

*[...] a gente influencia eles no sábado e a semana tem sete dias, então os colegas vão influenciar eles cinco dias na semana, e o pouco que a gente tem aqui a gente tenta passar pra eles o que é o certo, de fato, pra que eles possam seguir a semana bem, sem tropeçar, sem ter problemas (Participante 5).*

*Então a gente tá sempre em torno, para que eles não venham só... se lembrem da igreja só no final de semana, mas que eles fiquem com aquilo, se estão precisando de ajuda que eles nos busquem (Participante 6).*

Dessa forma, pertencer a esse grupo implica em assumir uma forma de viver que pode ser diferente da de outras pessoas com as quais seus membros convivem diariamente. Isso pode gerar algumas consequências para a vida de um jovem. É possível imaginar que os membros desse grupo podem ser alvos de piadas, por exemplo. O que se infere das falas anteriores é que seguir o código de conduta e agir de forma moderada longe do grupo e fora do ambiente religioso deve ser uma tarefa difícil para os jovens e adolescentes, tendo em vista a atenção dos líderes quando se referem ao assunto.

O sucesso em ter um comportamento constante para os membros desse grupo está intimamente relacionado ao **cuidado com influências negativas**, subcategoria fortemente presente nos discursos dos participantes; todavia, com três enfoques diferentes:

1) Três participantes relataram que aprenderam na igreja a não serem influenciados por pessoas ou situações que poderiam lhes conduzir a ter atitudes “erradas”.

*[...] a fase mais difícil da pessoa é a adolescência e quando a pessoa vai na igreja, a pessoa busca conhecer o melhor, né? Não muito pela religião, mais pelas influências, né? Ajudam totalmente na construção da vida de um adolescente. Porque fora da igreja a pessoa pode ter influências ruins. (Participante 2).*

*Na igreja, eu aprendi a não ser influenciado, né? Principalmente por coisas ruins, tipo ter autonomia para saber o que é certo e o que é errado e não seguir atrás de qualquer um assim, qualquer coisa... Saber o que é certo e saber o que eu devo fazer (Participante 4).*

*[...] a gente aprende a não nos deixar levar pelas coisas do mundo, e isso é uma coisa que eu tento levar sempre pra minha vida, não ser influenciado pelo externo, pelo que é errado ao meu ver (Participante 5).*

2) Dois participantes verbalizaram que, na função de líder, ensinam os adolescentes a terem cuidado com possíveis influências negativas.

*[...] a gente faz as pregações relacionadas ao que o adolescente vive, né? As fases que todos têm... Às vezes de forma diferente, mas acontecem. Todo adolescente vai passar por uma fase de amizade falsa, todo adolescente vai ter uma amizade que vai lhe fazer mal ou vai lhe dar uma influência má ou vai fazer coisa errada e... A gente faz os planejamentos pensando em uma resposta, tipo: "Poxa! O que que eu falaria se meu amigo tivesse me influenciando a fumar?" (Participante 4).*

*[...] a gente tenta passar que os colegas, os amigos, eles vão levar as ofertas, as ofertas do mundo vão vir, mas que eles têm que permanecer firmes e fortes na palavra de Deus, que é fugir dessas coisas, das paixões da mocidade (Participante 5).*

3) Quatro participantes relacionaram o uso de droga por adolescentes com influências sofridas por eles.

*[...] eu só vi essa minha colega usando... maconha, eu acho que era, ela carrega na bolsa, pra ela é super normal, todos os amigos dela usam, ela usa... Ela nem usava! Ela começou a usar ano passado, porque... ofereceram pra ela e ela tava tipo meio mal e ela foi e ela usa até hoje (Participante 1).*

*Tem músicos de bandas seculares que mostram que as drogas é uma coisa boa, né? Pode ser os amigos, pode ser os traficantes, pode ser qualquer pessoa assim... qualquer influência que exerça, né? (Participante 2).*

*Alguém tem que oferecer pra ele, né? Tipo... ele vai, alguém ofereceu para aquele jovem lá e ele vai usar droga, e como o jovem gosta de ter status, ele não vai querer usar sozinho! Ele quer ser o maioral, entendeu? Ele vai usar coisas que os amigos dele usa, então... não vai ser um jovem só, vão ser vários, entendeu? Então um traficante chega em um jovem e esse jovem passa pra outros jovens, entendeu? (Participante 4).*

*Eu me lembro da minha época da escola, eu não cheguei a ver meus colegas fumarem maconha, mas um dizia assim: "Ah, então se tu não fumar tu é uma bicha". Né? E aí eles conseguiam influenciar aquela pessoa a fazer aquilo pra pessoa não se sentir menosprezada (Participante 6).*



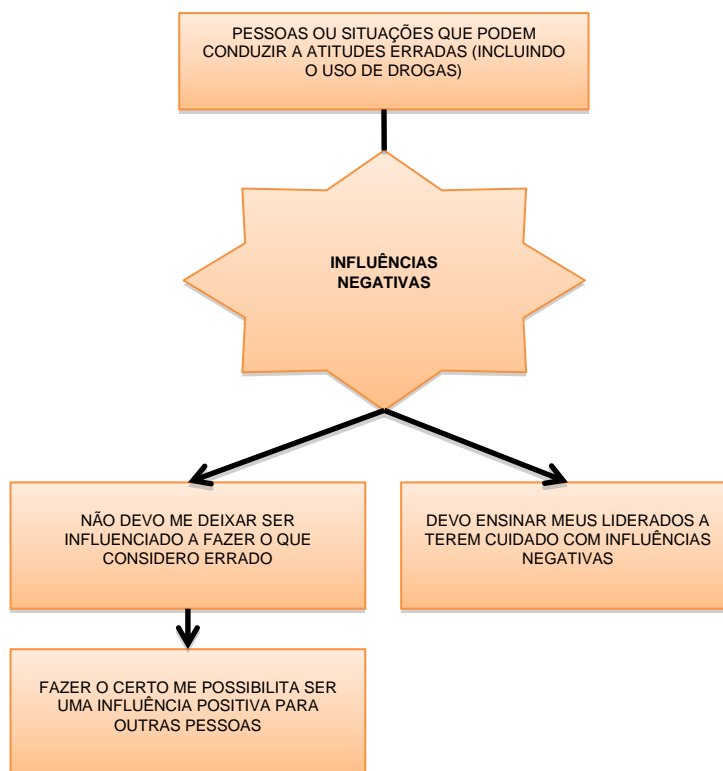
Nos três enfoques, as influências negativas representam pessoas ou situações que poderiam conduzir os jovens ou adolescentes a tomarem atitudes consideradas erradas, conforme o código de conduta do grupo, como, por exemplo, ter relações sexuais antes do casamento, ou mesmo levá-los a ter um comportamento de risco, como o uso de drogas, citado por alguns participantes. Nesse mesmo tema, outra possibilidade foi mencionada: o fato de uma pessoa ser uma influência positiva para outra. Nos trechos das entrevistas a seguir, dois participantes compartilham experiências sobre momentos em que perceberam exercer influência positiva para um amigo não religioso.

*Eu tenho uma amiga que ela brinca, ela acha assim... em termos de relacionamentos, ela acha que a vida dela sentimental é um desastre, mas ela sempre fala que eu sou a esperança dela, que eu sou o exemplo que alguma coisa pode dar certo, ou ela sempre brinca: 'se tudo continuar dando errado eu vou para o teu lado da força', 'eu vou ter que acreditar no teu Deus', porque ela não acredita muito nessas coisas, mas ela sempre diz que ela me vê como um exemplo (Participante 1).*

*Tem até uma história que um deles terminou o namoro e ele sempre falou assim... brincando... sobre o meu comportamento, que eu não tinha relações com as meninas e tal. E daí ele sempre brincava comigo, e quando ele terminou o namoro ele ficou mal, ele veio e me procurou e me disse: 'Bah, eu sei que tu é um cara diferente, tu é um cara que fala coisas sensatas, então, eu tô me sentindo mal, eu tô precisando da tua ajuda', e aí eu consegui orar por ele e ele se resolveu assim (Participante 5).*

Na Figura 5, apresentam-se os conceitos presentes nessa subcategoria.

Figura 5 - Cuidado com influências negativas



Fonte: Autora, 2015.

Os princípios de moderação existentes no grupo representam uma forma de pensar, de tomar decisões e organizar a vida. Embora os participantes sejam indivíduos com características próprias, os dados obtidos nas entrevistas revelam uma mentalidade senão única, muito semelhante.

A subcategoria **Bíblia como guia** foi identificada no discurso de alguns participantes que declararam ter o livro como uma referência para pensar e agir no cotidiano.

*[...] o ensino é baseado na Bíblia, então os ensinamentos que a gente recebe aqui na igreja, eles são úteis pra mim em todas as áreas da minha vida, né. Então, por exemplo, como eu me relaciono com as outras pessoas, procurar de alguma forma fazer o bem pra quem tá perto, procurar o meu próprio bem, que a Bíblia ensina a eu considerar o outro antes da minha própria pessoa, então essas coisas que a gente vai aprendendo desde pequeno aqui se tornam mais fáceis de aplicar depois (Participante 1).*

*Eu sou uma pessoa que gosto de ler a Bíblia, de tentar entender: em que época isso foi escrito? Em que cultura era? Por que era assim? Por que a mulher tinha que ser assim? Por que o homem tinha que ser... Então eu gosto de fazer isso no meu dia a dia também, eu faço isso no meu dia a dia, né? Procurar aplicar (Participante 1).*

*[...] eu que tenho namorado, claro na Bíblia não fala de namoro, né? Mas como é uma fase que tu começa a namorar e tal, ali tem os ensinamentos*

*de como... ajuda a gente a saber como ter um namoro melhor, essas coisas... (Participante 3).*

*A primeira coisa que eu sempre falo, toda vez, praticamente toda Palavra... É ter a Bíblia como um manual de vida, porque na Bíblia tem tudo que tu precisa, tem como tu viver teu dia a dia, tem como tu saber como tu tem que trabalhar, o que tu tem que fazer em casa, como tu tem que te relacionar com as pessoas, como se relacionar... Digamos, ter um relacionamento amoroso, tudo que tu vai viver na tua vida, tem na Bíblia! (Participante 6).*

Outro exemplo está no trecho já citado da entrevista com o participante 5, agora, porém, observa-se outro aspecto deste discurso: “[...] *as ofertas do mundo vão vir, mas que eles tem que permanecer firmes e fortes na palavra de Deus que é fugir dessas coisas, das paixões da mocidade*”. Nesse trecho, o jovem faz referência ao texto bíblico de II Timóteo 2:22 que diz: “Foge também das paixões da mocidade; e segue a justiça, a fé, o amor, e a paz com os que, com um coração puro, invocam o Senhor”.

Os trechos das entrevistas reproduzidos anteriormente permitem inferir que os princípios de moderação existentes no grupo fundamentam-se na Bíblia, o livro sagrado dos cristãos. Como citado no item 3.1, o grupo religioso conhecido como evangélico acredita que a Bíblia é a própria palavra de Deus e que, com a ajuda do Espírito Santo, o crente pode compreender os mistérios da existência humana e viver de uma forma mais digna e feliz.

Um dos tópicos da entrevista refere-se às atividades de lazer dos jovens. Foi indagado sobre o que gostavam de fazer em seu tempo livre e com quem dividiam esses momentos. Com as respostas dos participantes, observou-se que o grupo entende que existem formas corretas e/ou saudáveis de se divertir e formas erradas e/ou nocivas de se divertir. Fica evidente que o conceito de diversão também está submetido aos critérios de moderação já apresentados, como constam nas falas da participante 3, quando compara o comportamento dos seus colegas de trabalho com o de seu grupo de amigos, e da participante 6, ao narrar algumas observações que seus colegas de trabalho costumam fazer em relação ao seu comportamento.

*[...] a escolha deles é final de semana sair para beber, pra eles isso é diversão, pra nós aqui é sair pra comer (Participante 3).*

*[...] eles dizem aquela coisa assim: “Ah, tu não é um crente careta! Aquela pessoa careta em tudo que faz”, “Tu te diverte também, mas tu não fala palavrão, tu não fica!”, porque eu nunca “fiquei” nem na época da escola, nem na faculdade, tenho meu noivo e sou fiel a ele. Não bebo, nunca fumei (Participante 5).*

As atividades de diversão citadas pelos participantes consistem em: **estar em grupo**, **passar em ambientes seguros**, **prática de esportes coletivos**, **namorar** e **práticas musicais**. Essa característica do grupo foi compreendida na categoria denominada CONCEITO DE DIVERSÃO, conforme a Figura 6.

Figura 6 - Conceito de diversão



Fonte: Autora, 2015.

O conceito de diversão inclui a ideia de **estar em grupo**, como é próprio da etapa do desenvolvimento em que se encontram. Os seis jovens relacionaram suas atividades de lazer acompanhadas de amigos; em alguns momentos, pode-se entender que simplesmente **estar em grupo** já significa estar se divertindo.

*Estar com os amigos... a gente pode sair, praticar um esporte, um vôlei, que é algo que todo mundo sabe, sair, ir no shopping, ver um filme, né? Coisas normais assim (Participante 1).*

*Todos os meus amigos estão aqui (igreja), tudo o que eu faço é com eles. Sábado de noite, às vezes, a gente sai pra comer alguma coisa, depois dos ensaios da igreja a gente sai pra comer alguma coisa (Participante 2).*

*[...] o que a gente mais faz é procurar um restaurante novo ou ir para Porto Alegre em alguma praça com o pessoal pra tomar chimarrão ou pra fazer esse tipo de coisa (Participante 3).*

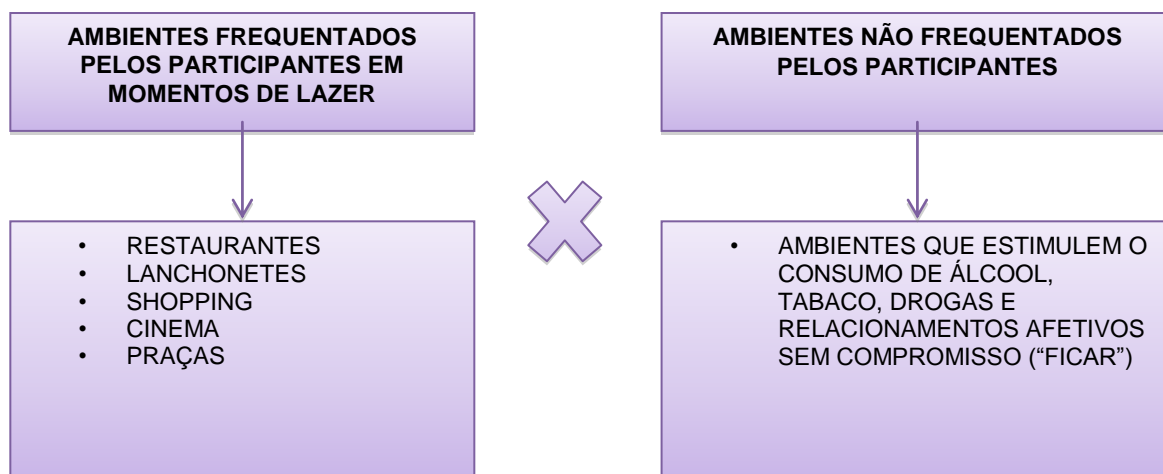
*Eu gosto de sair com meus amigos que são mais velhos que eu, né? Eu gosto de sair de noite pra comer. Gosto de sair com meus amigos pra comer, pra gente conversar um pouco, a gente brinca um pouco, ri um pouco (Participante 4).*

*Eu costumo, nos tempos vagos da faculdade, sair bastante com a minha namorada, sair com amigos também, a gente sai em grupo pra conversar... falar sobre a vida (Participante 5).*

Atenta-se para o fato de nenhum deles ter citado entretenimentos eletrônicos, tais como, jogar videogame ou navegar na internet, como opções de lazer, atividades que normalmente interessam a essa faixa etária. Embora as entrevistas não tenham fornecido dados suficientes para justificar uma análise mais cuidadosa sobre esse tema específico, pode-se inferir que tais atividades geralmente não são realizadas em grupo e não proporcionam o “conviver”, ou, como se refere um dos participantes, “a comunhão”, ação valorizada pelo grupo em questão.

A subcategoria denominada **ambientes seguros** não está explícita no discurso dos participantes. A percepção de sua existência deu-se ao se comparar os lugares que declararam frequentar como suas diferentes opções de lazer com outros ambientes que dizem não frequentar, em outros momentos da entrevista, e não nessa questão específica, como mostra a Figura 7. A palavra “seguro”, nesse contexto, refere-se especialmente aos ambientes que não estimulam diretamente práticas consideradas erradas pelo grupo.

Figura 7 - Ambientes frequentados e não frequentados pelos participantes



Fonte: Autora, 2015.

Os ambientes considerados não seguros pelos participantes são aqueles que, de alguma forma, ferem o código de conduta do grupo e que são julgados capazes de estimulá-los a assumir um comportamento de risco. Isso reforça a hipótese de que, para os participantes, existe “uma forma correta e/ou saudável de se divertir” e “uma forma errada e/ou nociva de se divertir”.

Entre as atividades de lazer mais citadas pelos participantes, está a **prática de esportes coletivos**, principalmente vôlei e futebol. A Igreja do Mover construiu uma

quadra de esportes, usada pelos jovens em todas as tardes de sábado. Os esportes coletivos foram mencionados não só como a forma com que eles se divertem, mas também como opção de entretenimento para os adolescentes que lideram, fazendo parte da programação dos encontros do Mover *Teen*.

*As principais atividades são: quando nós chegamos na igreja, antes de iniciar o grupo, a gente faz alguma coisa para interagir, uma dinâmica, ou jogar futebol, ou jogar vôlei e todos eles gostam de fazer algum exercício (Participante 6).*

Nas entrevistas, **namorar** surgiu entre as atividades preferidas dos jovens. Dos seis participantes, quatro namoram jovens membros da igreja e uma participante está noiva. Os jovens relatam que costumam passear em *shoppings*, restaurantes, praças, ambientes considerados seguros, com seus namorados(as). Essa é uma característica importante do grupo de jovens da Igreja do Mover, pois, como visto anteriormente, “ficar” não é um comportamento permitido, e o namoro é considerado a preparação para o casamento. No dia da entrevista, a participante 6 chegou atrasada e contou que estava escolhendo seu vestido de noiva, tendo em vista que pretendia casar-se em breve. Sua empolgação e o brilho em seus olhos eram incontestáveis.

As **práticas musicais** aparecem com relevante importância em três entrevistas. Os participantes 2, 5 e 6 fazem parte do grupo de louvor<sup>11</sup> dos jovens, o que inclui participarem dos ensaios na igreja, praticarem seu instrumento em casa e tocarem junto com o restante do conjunto nos cultos. Em suas falas, os participantes 5 e 6 declararam o prazer que essa atividade lhes proporciona.

*Eu sou ministro do louvor, eu ajudo no louvor e no som... na operação de som (Participante 2).*

*Eu participo do louvor, louvor jovem que a gente toca nos cultos jovens... Eu gosto de tocar violão mesmo, que é algo que eu gosto muito, sentar e tocar, ficaria o dia todo tocando (Participante 5).*

*Eu sou do louvor desde os 12 anos pra mim é algo que... eu amo cantar e principalmente cantar pra Deus (Participante 6).*

Vale ressaltar que as **práticas musicais** não são exclusividade dos jovens que participam do grupo de louvor, mas todo o grupo pratica a música de uma ou outra

---

<sup>11</sup> Grupo musical formado por membros da Igreja do Mover que tem como objetivo adorar a Deus por meio de canções.

forma, uma vez que, durante os cultos, eles ouvem, cantam e interagem com as músicas tocadas pelo grupo de louvor.

A categoria denominada RECURSOS DA FÉ representa alguns elementos das vivências de espiritualidade percebida nas falas dos participantes. A identificação de suas subcategorias não foi uma tarefa simples; suas características e dimensões estão mais interligadas e até mesmo demonstram certa interdependência. Essa categoria também contempla algumas individualidades dos jovens, pois cada um acessa tais recursos de forma mais íntima e pessoal. Assim, os RECURSOS DA FÉ extraídos das entrevistas são: a **valorização da existência humana**, a **crença de não pertencimento do mundo**, a **satisfação com a vida**, a **esperança** e a **transcendência**, conforme a Figura 8.

Figura 8 - Recursos da Fé



Fonte: Autora, 2015.

A subcategoria **valorização da existência humana** foi identificada primeiramente em uma fala da participante 1. Ao ser questionada sobre qual mensagem considera mais importante ou a que gostaria que seus adolescentes liderados conhecessem, respondeu:

*Que a gente é amado por Deus, que a gente é especial, que a gente tem valor em Deus. E que Deus tem um plano pra nós, não importa da onde a gente saiu... que eles têm valor, que eles são alguém em Deus (Participante 1).*

Outros dois participantes também usaram expressões que auxiliaram na identificação dessa subcategoria: o participante 4, ao dizer “*Deus tem uma missão*

*pra cada um”, e o participante 5, no momento em que afirmou “Deus transformou a minha vida, ele mudou a minha história”.*

Percebe-se, assim, que esses jovens acreditam que os seres humanos são importantes o suficiente para que Deus se importe com eles, ame-os e ajude-os. No entanto, como pode ser percebido nas expressões utilizadas, o valor do homem não estaria em si mesmo, mas sim “em Deus”. O que isso significa? No contexto da religião evangélica, a pessoa só é considerada importante porque Deus a ama, assim, o valor não está no homem, e sim em Deus. A crença de que o criador de todo universo importa-se com a humanidade torna a existência humana algo de valor absoluto: “em Deus”.

A subcategoria denominada **crença de não pertencimento do mundo** constitui-se em um intrigante recurso da fé evangélica. Durante as entrevistas, os participantes se referiram a pessoas, ambientes ou situações como algo “do mundo”, como pode ser visto nos trechos das entrevistas a seguir.

*[...] eu gosto de estar com meus amigos, com meu namorado, de fazer real assim ... até mesmo no mundo... Às vezes, a gente divide muito, domingo dia de igreja e, sei lá, de segunda a sexta a minha vida secular, não, eu gosto de tudo, é uma coisa só (Participante 1).*

*Eu tive boas influências aqui na minha adolescência, né? Coisa que no mundo não tem, né? Boas influências (Participante 2).*

*O amor pro mundo, às vezes, é muito diferente, é meio complicado de falar, mas eu acho que é o amor que normalmente a gente precisa (Participante 3).*

*[...] a gente aprende a não nos deixar levar pelas coisas do mundo (Participante 5).*

*[...] as ofertas do mundo vão vir (Participante 5).*

Na fala dos jovens, evidencia-se que eles se colocam como não pertencentes ao mundo. Após identificar essa peculiar propriedade do grupo, surgiu um questionamento: Por que esses jovens não se consideram parte do mundo? A resposta para essa questão está na doutrina cristã. Como já mencionado, para os crentes evangélicos, após a desobediência de Adão e Eva, todas as pessoas que nascem estão separadas de Deus e pertencem “ao mundo”; o sacrifício de Jesus na cruz representa uma nova chance de o ser humano se ligar a Deus. Jesus não era desse mundo, mas foi enviado dos céus para a Terra, assim, por meio da fé em Jesus Cristo, o homem passaria a pertencer ao reino dos céus e não mais “ao mundo”.



O capítulo 17 do livro de João contém a oração que Jesus teria feito antes de ser assunto aos céus. Nessa oração, ele fala diretamente com Deus e roga por seus discípulos. Jesus afirma que não é do mundo e que seus discípulos também não o são. Tendo em vista a riqueza do texto para a compreensão desta subcategoria, é reproduzido na íntegra:

Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse. Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra. Agora já têm conhecido que tudo quanto me deste provém de ti; Porque lhes dei as palavras que tu me deste; e eles as receberam, e têm verdadeiramente conhecido que saí de ti, e creram que me enviaste. Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. E todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e neles sou glorificado. E eu já não estou mais no mundo, mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós. Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome. Tenho guardado aqueles que tu me deste, e nenhum deles se perdeu, senão o filho da perdição, para que a Escritura se cumprisse. Mas agora vou para ti, e digo isto no mundo, para que tenham a minha alegria completa em si mesmos. Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade. E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela tua palavra hão de crer em mim. Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim. Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste a mim.

E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais, para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja.

A crença de não pertencimento do mundo foi identificada como um importante recurso do grupo para manter o estilo de vida que pregam e tentam vivenciar. Tal crença pode ser acessada pelos jovens no momento em que se sentem “diferentes” de seus colegas e amigos não religiosos, devido aos princípios de moderação que seguem. Também pode servir como fonte de força para dizerem “não” às formas de diversão consideradas erradas e/ou nocivas.

Todos os jovens afirmaram nunca terem feito uso de drogas, nem mesmo de forma experimental. Ainda, declararam não consumir álcool ou tabaco. A pesquisadora solicitou que opinassem sobre os possíveis motivos que levariam um adolescente a começar a usar droga. Além das más influências, como já citado, outras suposições foram feitas pelos participantes como motivações para o uso de drogas por adolescentes.

*Pra mim, o uso de drogas no meio adolescente, meio jovem, ele é como um escape né... Eu vejo eles tentando preencher um vazio ou tentar ocupar... por exemplo, aconteceu um problema e eu não sei como resolver, quer sair daquela realidade... Então, eles trazem pra vida deles a droga, pra mim é um escape (Participante 1).*

*Pode ser uma forma de escape, pode ser pra depressão (Participante 2).*

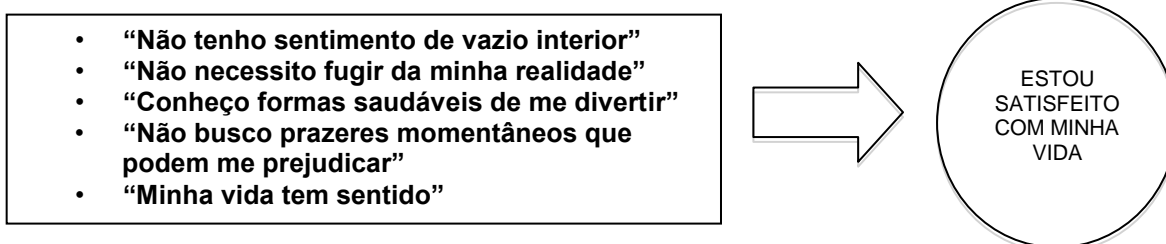
*A maioria desses meus colegas que fazem, eu não tenho muitos colegas que fumam, mais é ficar bêbado... é mais pra esquecer, pra ter o tempo de sei lá... tava exausto, foi lá com os amigos e... pra ter o tempo de diversão, que muitas vezes é como eles sabem, né? Eu acho que muitas vezes pela falta de atenção ou, claro, pelo vazio (Participante 3).*

*Prazer... por que usar drogas traz um prazer momentâneo (Participante 5).*

*Por algumas pessoas se sentirem, talvez... menosprezadas, como se a vida delas não tivesse sentido (Participante 6).*

A opinião desses jovens sobre os motivos pelos quais adolescentes usam drogas pode revelar as razões para eles não se sentirem motivados a usar, ou, em outras palavras, revelar recursos que utilizam para se fortalecerem em relação à opção de não consumir drogas. Deduz-se, então, que os participantes não compartilham, ou, no mínimo, conseguem superar os desafios citados, devido, entre outros motivos, a um recurso da fé ora denominado **satisfação com a vida**. Ao dizerem “Os adolescentes buscam nas drogas preencher o vazio”, pode-se subentender que eles estão afirmando: “Eu não tenho sentimento de vazio, por isso não uso drogas”. A Figura 9 ilustra a ideia presente nessa subcategoria.

Figura 9 - Satisfação com a vida



Fonte: Autora, 2015.

Vale questionar se a satisfação com a vida é realmente um recurso da fé. Para esses jovens, sim, as expressões “vazio” e “falta de sentido para a vida” trazem consigo questões relacionadas à espiritualidade. Em outros momentos da entrevista, dois participantes relacionaram sua satisfação pessoal ao seu relacionamento com Deus.

*[...] recentemente eu passei por um término bem complicado, então Deus também foi muito importante nesse tempo, porque se separar de quem tu ama é uma ótima oportunidade pra ti correr pro lugar errado, tentar ocupar o lugar de forma errada. Então, ter Deus também foi um lembrete de tipo “tu tem Quem tu precisa! Tu já é satisfeita em Mim, então deixa que Eu cuido das coisas!” (Participante 1).*

*[...] a gente aprende aqui (igreja) a ser satisfeito em Deus, sabe... Quando tu tá com os amigos bebendo, usando drogas, tu pode estar transparecendo uma coisa e quando tu chega em casa tu tá mal... E eu acredito que isso acontece muito! E hoje eu posso dizer que eu não tenho isso, eu vou chegar em casa e eu vou ter a mesma alegria porque eu tenho Jesus (Participante 5).*

Essas falas não só auxiliaram na identificação da subcategoria **satisfação com a vida** como também a validaram como um recurso da fé, já que claramente esses dois participantes relacionaram sua satisfação com suas vivências espirituais.

Outro recurso que emergiu de forma significativa no discurso de alguns participantes foi a **esperança**. Com enfoques diferentes, os participantes 1 e 4 falaram sobre ensinamentos que desejam que seus liderados aprendam; ambos transmitiram mensagens de esperança.

*Eu espero que se tiver uma coisa, só que eles tenham que sair daqui sabendo é que em Deus eles são amados, perdoados e têm nova chance de vida, nova chance de sonhos, de um futuro bem sucedido (Participante 1).*

*Ele tem que saber que ele é uma pessoa que tem uma missão aqui, né? Ele tem que saber que ele é uma representação aqui na terra, porque todo adolescente, todo adulto, todo velhinho tem uma missão (Participante 4).*

Nesse mesmo sentido, a participante 3 abordou a diferença que percebe entre um jovem religioso e um não religioso, que é a forma como administram seu dinheiro. Na sua opinião, jovens não religiosos não têm o hábito de guardar dinheiro, pois não teriam esperança ou expectativa de construir um sonho.

*[...] eu noto mais como gastam dinheiro... eles são muito imediatistas, já ganham um dinheiro e já querem comprar... Eu noto assim, que, às vezes, sabe? Não têm a esperança de casar, não veem um outro lado, de deixar pra criar um sonho (Participante 3).*

O último recurso identificado nas entrevistas, já citado no referencial teórico desta dissertação como o objetivo último das religiões e da espiritualidade, é a **transcendência**. No contexto da pesquisa, trata-se do relacionamento que esses jovens declararam manter com o Deus no qual creem. Muitas falas dos jovens revelaram essa subcategoria. Assim, foram selecionados dois trechos que melhor representam a transcendência:

*[...] ter Deus na minha vida desde pequena foi ter o escape certo sem ter que procurar em nenhum outro lugar. Eu já conhecia pra Quem eu tinha que correr, pra Onde eu tinha que correr... Acho que alguém que conhece Deus, ele sabe exatamente pra quem recorrer, em contrapartida, o jovem, o adolescente, a pessoa que não conhece Deus, ele vai procurar desesperadamente em qualquer outro lugar preencher ou solucionar os problemas dele, sendo que a gente só vai encontrar socorro e mudança em Deus (Participante 1) .*

*Deus é o único caminho, né? E ele mudou a minha vida. E é sempre o que eu tento passar para os meus amigos que não são da igreja, que a minha família tava destruída, que era tudo muito ruim lá em casa e que quando Deus entrou na minha vida tudo isso foi transformado, então que Deus transforma! Deus... Ele não é algo como muitas pessoas falam por aí... tachando Deus como alguém mau ou... e Ele com certeza mudou a minha história (Participante 5).*

As falas anteriores expressam a compreensão que esses jovens têm em relação ao transcendente. Os participantes falaram de forma muito natural sobre Deus, como algo que faz parte de suas vidas, que interfere diretamente em seu dia a dia. Ambos declararam ter em Deus uma fonte de força e socorro em momentos difíceis, um recurso que somente poderia ser acessado por meio de uma atitude de fé.

## 6 DISCUSSÃO

Este estudo iniciou com uma revisão teórica que apontou a religiosidade como um importante recurso para a proteção de adolescentes e jovens, especialmente em relação ao uso de drogas. No entanto, as pesquisas consultadas que indicam a relação entre religiosidade e não uso de drogas têm caráter quantitativo e não investigam os mecanismos causais do fenômeno. A presente pesquisa partiu da hipótese de que poderiam existir dimensões pedagógicas em práticas religiosas organizadas e vivenciadas por adolescentes que possam contribuir, em alguma medida, para a prevenção do uso de drogas. Dessa forma, o objetivo da pesquisa foi investigar as dimensões pedagógicas das práticas religiosas de um grupo de adolescentes pertencentes a uma igreja evangélica do município de Canoas/RS, que atuam na proteção ao uso de drogas na adolescência.

Com esse objetivo, este estudo consistiu na realização de seis entrevistas semiestruturadas com jovens religiosos, com idades entre 17 e 23 anos, que exercem papel de liderança no grupo de adolescentes da Igreja do Mover. Os participantes são jovens que cresceram em lar religioso, participaram de atividades religiosas quando adolescentes e atualmente planejam e organizam atividades destinadas aos membros do grupo denominado Mover *Teen*, especializado na prestação de serviços de atenção eclesial ao grupo de adolescentes, serviço que compreendem como o seu ministério evangélico.

Durante as entrevistas, os jovens falaram sobre suas atividades sociais e religiosas, compartilharam experiências pessoais, relataram sobre como concebem e interpretam o papel de liderança desempenhado e falaram sobre suas percepções a respeito do tema drogas.

Um dado relevante para a pesquisa é a constatação de que todos os participantes afirmaram nunca terem feito uso de drogas, nem mesmo de forma experimental. A análise dos dados permitiu a compreensão de que os motivos que levaram os participantes a não consumirem drogas não foram por medo da repressão eclesiástica, do castigo eterno ou por falta de oportunidade, mas porque estão protegidos. Nesse sentido, acredita-se que as dimensões pedagógicas presentes nas atividades religiosas que os jovens lideram, tanto no planejamento quanto na execução e participação, justificam o fato de dizerem não às drogas. Os participantes viveram sua infância e adolescência na comunidade religiosa; por

assim dizer, foram beneficiários de um atendimento pastoral. Atualmente, exercem a função de líderes e dão continuidade a esse trabalho pedagógico, que, entre outras coisas, tem, ao que tudo indica, conseguido proteger os adolescentes do uso de drogas.

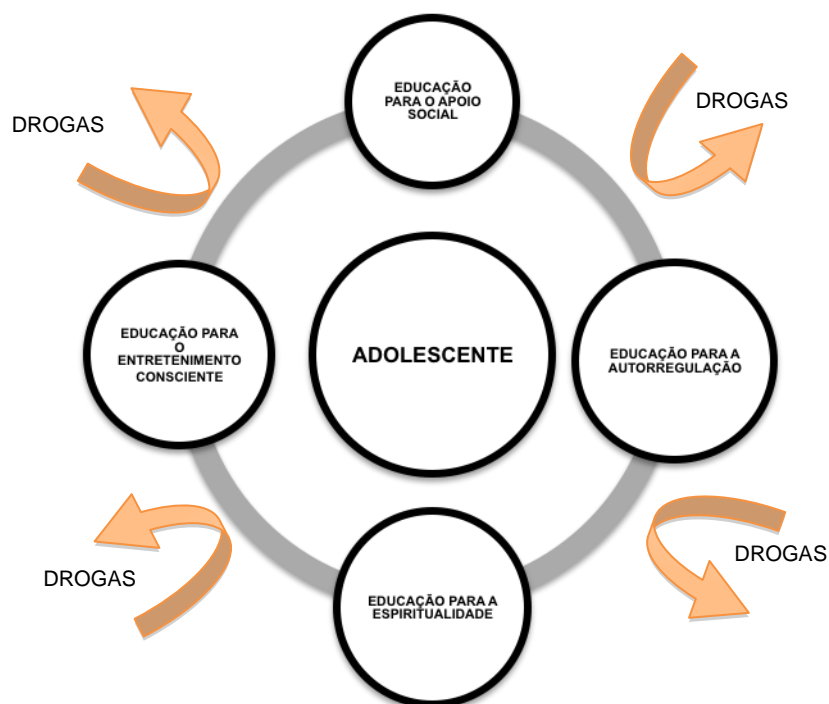
### **6.1 As dimensões pedagógicas presentes nas práticas religiosas do grupo investigado**

No contexto desta pesquisa, dimensão pedagógica compreende processos formativos e práticas educativas que promovem ensino e geram transformação daqueles que deles participam. Para Libâneo, pedagogia é “[...] o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação” (2001, p. 6). Na perspectiva do autor, as práticas educativas constituem-se em um componente integrante da atividade humana e estão presentes em todo conjunto de processos sociais dos quais o indivíduo participa. Libâneo (2001, p. 7) define educação como “[...] uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal”.

Tendo em vista essa perspectiva de educação, as categorias observadas nas entrevistas permitiram identificar quatro dimensões pedagógicas nas práticas religiosas do grupo investigado. São elas: *educação para o apoio social*, *educação para a autorregulação*, *educação para o entretenimento consciente* e *educação para a espiritualidade*. O resultado da dinâmica existente entre essas dimensões resulta, entre outras transformações da pessoa em desenvolvimento, na proteção ao uso de drogas na adolescência.

A Figura 10 tem como objetivo ilustrar o fenômeno observado nesta pesquisa. O círculo cinza representa a proteção resultante da dinâmica entre as dimensões pedagógicas presentes nas práticas religiosas dos participantes, a fim de impedir que a experiência do uso de drogas alcance os jovens pertencentes ao grupo. O risco ao uso de drogas, por sua vez, está representado pelas flechas, que não conseguem atingir os adolescentes, por estarem protegidos.

Figura 10 - As dimensões pedagógicas da religiosidade e a proteção ao uso de drogas na adolescência



Fonte: Autora, 2015.

### 6.1.1 Educação para o apoio social

Os dados da pesquisa revelaram que o grupo religioso estudado mantém uma forte rede de apoio social entre seus membros. Segundo Juliano (2014, p. 28), “[...] laços sociais duradouros são importantes porque fornecem ajuda em tempos de necessidade, permitindo enfrentamento e superação de momentos de crise”.

O período da adolescência é considerado como de maior vulnerabilidade ao início do uso de drogas; por isso, manter uma rede de apoio social tem um papel fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo. Nessa perspectiva, o esforço em promover espaço de diálogo é uma das características importantes do grupo investigado. Tendo em vista que, devido ao conflito geracional, os adolescentes podem não se sentir confortáveis para dialogar com seus pais e/ou familiares sobre suas dúvidas e problemas, é necessário que encontrem um espaço com pessoas dispostas e preparadas para escutá-los e auxiliá-los na superação individual e grupal dos desafios dessa etapa do desenvolvimento humano. Nesse sentido, Freire (2011, p. 132) afirma que “[...] ensinar exige disponibilidade para o diálogo”.

A forma como os participantes encaram seu papel na liderança do grupo de adolescentes também é um dado relevante, pois, segundo Juliano (2014, p. 30),

A força e a manutenção de uma rede de apoio social e afetiva eficaz e efetiva dependem da motivação de seus membros, da qualidade dos vínculos estabelecidos, do contentamento recíproco da habilidade social e necessidade da relação dos seus integrantes.

Os jovens declararam-se comprometidos e dedicados à sua função. As atividades são planejadas com antecedência e constantes avaliadas, de modo que possam ser aperfeiçoadas, se houver necessidade. A postura de líderes servos, assumida pelos jovens, fortalece a rede de apoio social. Além disso, o interesse e empenho no desenvolvimento de seus discípulos aproxima a função de líder com o trabalho de um educador.

Outra característica dos jovens foi o interesse em servir de referencial humano para os adolescentes que lideram. Segundo Freire (2011, p. 35), “[...] quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo”. Para o autor, “[...] ensinar exige corporificação das palavras pelo exemplo” (FREIRE, 2011, p. 35). A postura dos líderes em demonstrar e efetivamente exercitar o seu interesse pelas vidas dos adolescentes, a sua disponibilidade para o diálogo e a convivência com estes parecem disposições pedagógicas necessárias para a sustentação da rede de apoio. Para Juliano e Yunes (2014, p. 137),

Construir e consolidar redes são processos intimamente ligados à convivência. Conviver com outros seres humanos significa interagir de forma recíproca, a partir de trocas, principalmente afetivas, que possibilitam o desenvolvimento na diversidade de papéis, alteração e equilíbrio de poder, conjunção de olhares, contato físico, respeito mútuo, entre outros elementos a depender da situação.

As relações de amizade e a formação de um grupo de amigos faz parte da adolescência, enquanto etapa do desenvolvimento humano. Participar de um grupo de amigos que não seja usuários de drogas ou que não apresente comportamento de risco é um dos fatores que permite ao adolescente prevenir-se quanto ao uso de drogas. Como apresentado na análise das entrevistas, as falas dos participantes apontaram para a existência de vínculos sólidos de amizade entre os jovens e adolescentes membros do grupo.



A construção e a manutenção da rede de apoio observadas no grupo investigado estão de encontro ao que Bauman (2009) denomina de vida líquida, própria dos habitantes de uma sociedade líquido-moderna. Para o autor, vive-se em uma sociedade de mudanças rápidas e constantes, marcada por sucessivos finais e reinícios. Em uma sociedade líquida, nada é duradouro ou sólido, tudo é descartável, inclusive os modelos de sociabilidade. O autor assim define os indivíduos de vida líquida, porque estabelecem “[...] ligações frouxas e compromissos revogáveis [que] são os preceitos que orientam tudo aquilo em que se engajam e a que se apegam” (BAUMAN, 2009, p. 11). Nesse contexto, a atratividade nas redes de relacionamentos virtuais está na comodidade de se conectar e desconectar, pois, em uma sociedade líquida, as redes de pertencimento social também podem ser provisórias (JULIANO, 2014).

Em uma sociedade com as características anunciadas por Bauman (2009), como o grupo de jovens da Igreja do Mover consegue manter sua rede de apoio? Os dados da pesquisa permitiram entender que tal rede foi construída e é mantida por meio de um trabalho educativo. Ficou claro, no discurso dos participantes, que a abertura para o apoio e a disponibilidade em apoiar são características cultivadas pelos membros mais experientes e ensinadas aos mais jovens.

### *6.1.2 Educação para a autorregulação*

A segunda dimensão pedagógica presente nas práticas religiosas do grupo investigado diz respeito aos princípios de moderação identificados no discurso dos participantes. Tais princípios orientam suas vidas, como uma bússola guia um viajante. Os princípios observados nas entrevistas influenciam no comportamento dos membros, mesmo fora do ambiente religioso, como, por exemplo, quando o adolescente necessita tomar a decisão de não experimentar drogas, mesmo que seus colegas de escola estejam pressionando. Sobre essa temática, Marques, Cerqueira-Santos e Dell'Aglio (2011, p. 90) afirmam que

A religião pode, então, influenciar a vida das pessoas de forma multifatorial, sendo que a formação de uma rede social e a consolidação de normas morais devem estar presentes. Tais normas se desenvolvem no sentido de ditar valores sobre o que é certo ou errado, bom ou ruim, bem ou mal, digno ou indigno, etc., os quais orientam e motivam as ações humanas. Tais

valores, portanto, direcionam a maneira como os desejos humanos podem ser julgados e guiados para caminhos tidos como positivos.

A capacidade de julgar e direcionar os desejos humanos para caminhos positivos pode ser denominado de senso de autorregulação. Castillo e Dias (2009, p. 207) definem autorregulação como o

[...] processo em que o indivíduo assume um papel ativo na construção do seu destino, através da ativação, monitorização, inibição, preservação e adaptação do comportamento, emoções e estratégias cognitivas para alcançar objetivos desejados.

No contexto da saúde, o senso de autorregulação tem papel essencial, uma vez que permite ao indivíduo resistir a pressões e prazeres mais imediatos, tendo em vista a preservação da saúde, evitando, assim, comportamentos de risco (CASTILLO; DIAS, 2009).

A análise dos dados produzidos pelas entrevistas permitiu observar que o trabalho pedagógico desenvolvido pelo grupo estudado estimula o adolescente a refletir sobre suas ações antes de executá-las, devido às consequências que seu comportamento e atitudes podem trazer para sua vida, desenvolvendo, assim, educação para a autorregulação.

Questiona-se se os princípios de moderação defendidos pelo grupo podem levar os adolescentes a desenvolverem atitudes dogmáticas, preconceitos e conflitos entre culturas; se tais princípios podem assumir uma postura fundamentalista, promotora da intolerância e do fanatismo religioso. Os dados da pesquisa não forneceram informações suficientes para uma análise consistente sobre esse aspecto. É evidente, no entanto, que a fórmula de estar no mundo, frequentar e valorizar a escola, reconhecer ambientes saudáveis de diversão fora do controle eclesial, o reconhecimento de ter amigos do mundo com os quais desejam compartilhar o amor de Deus, revelam uma visão de mundo positiva, embora esses jovens neguem seu pertencimento ao mundo. Essa aparente dubiedade que, ao mesmo tempo, reconhece o valor do mundo e o nega, permite que os adolescentes da Igreja do Mover não desenvolvam o fundamentalismo religioso que caracteriza alguns grupos juvenis. Tendo em vista o objetivo da pesquisa, os resultados permitiram observar que, em relação ao uso de drogas na adolescência, os

princípios de moderação existentes no grupo guiam os jovens para comportamentos saudáveis longe do uso de drogas.

### 6.1.3 Educação para o entretenimento consciente

O conceito de diversão que o grupo investigado possui está pautado na ideia de que existem formas erradas e/ou nocivas e formas corretas e/ou saudáveis de se divertir. Na análise das entrevistas, observou-se que os participantes evitam lugares ou ambientes facilitadores ou estimulantes de comportamentos considerados errados pelo grupo, como, por exemplo, consumir bebidas alcoólicas e drogas. Nas falas de alguns jovens, compreendeu-se que, embora saibam que as drogas podem proporcionar prazer, preferem conscientemente preservar a sua saúde e consideram importante manter fidelidade às suas crenças e ao seu grupo.

Para Schenker e Minayo (2005), os adolescentes que utilizam drogas estão em busca de prazer e calculam valer a pena correr riscos para alcançá-lo. De acordo com as autoras,

[...] um adolescente que usa maconha em princípio busca prazer e não dor e sofrimento. Em geral está a cata de extroversão, prazer, novas sensações, compartilhamento grupal, diferenciação, autonomia e independência em relação à família, dentre outros efeitos (SCHENKER; MINAYO, 2005, p. 709).

Schenker e Minayo (2005) também afirmam que os profissionais atuantes em programas de prevenção às drogas costumam não abordar o lado prazeroso das drogas, focam apenas em suas consequências negativas; dessa forma, não desenvolvem a compreensão ampla do fenômeno. As autoras defendem que

[...] uma preocupação básica da educação para a saúde seria, pois, discutir com os adolescentes os riscos associados aos comportamentos nos quais se engajam, mas tendo o cuidado de não desconhecer o lado prazeroso desse engajamento (SCHENKER; MINAYO, 2005, p. 709).

O conceito de diversão dos jovens e adolescentes da Igreja do Mover permite analisar a relevância de uma educação para o entretenimento consciente. Embora se questione se o simples fato de frequentar casas noturnas se enquadre como comportamento de risco, é *mister* adolescentes compreenderem que algo que possa lhes fazer mal não deve ser considerado divertido. Apesar de não realizarem

atividades que normalmente fazem parte dessa etapa da vida, como ir a festas em casas noturnas ou envolver-se em relacionamentos amorosos sem compromissos e profundidade afetiva, os participantes possuem atividades de entretenimento e relataram programar atividades divertidas para os adolescentes que lideram, como passear com os amigos, acampar, praticar esportes, namorar e envolver-se em práticas musicais.

A maioria das atividades de entretenimento citadas pelos participantes acontece dentro do ambiente religioso e geralmente é acompanhada por algum adulto responsável, especialmente no caso dos adolescentes. Essa característica do grupo faz refletir sobre a importância de existirem espaços para que adolescentes e jovens possam desfrutar de momentos de extroversão, lazer, novas experiências, convivência com grupo de amigos e independência dos pais, em segurança. Apenas instruir os adolescentes a não desfrutarem do prazer das drogas e não lhes oferecer outras opções de diversão pode ser uma abordagem pouco eficaz.

#### *6.1.4 Educação para a espiritualidade*

Como mencionado no referencial teórico desta pesquisa, diversos estudos citam a espiritualidade como um fator de proteção ao uso de drogas na adolescência. Além disso, o direito ao desenvolvimento espiritual está especificado e garantido pelo artigo 3º do ECA, o qual promulga as linhas gerais dos direitos da criança e do adolescente:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990).

Como visto, no artigo 3º do ECA, garante-se à criança e ao adolescente “[...] todas as oportunidades e facilidades [...]” para que possam desenvolver, entre outras dimensões da vida humana, a espiritualidade. Já foram citadas neste trabalho as dificuldades que os teóricos encontram para definir o termo espiritualidade. E o que dizer então de educação para a espiritualidade? O que é? Quem, de fato, irá assumir essa responsabilidade para com esse direito específico das crianças e

adolescentes? Nesse sentido, a categoria denominada *recursos da fé* revelou algumas características e manifestações das experiências de espiritualidade por eles vivenciadas. O processo de análise dos dados permitiu observar como as práticas religiosas dos jovens lhes “oportunizou e facilitou” o desenvolvimento da espiritualidade; em outras palavras, como a instituição religiosa dos jovens promove educação para a espiritualidade.

Durante a análise dos dados, constatou-se que as crenças, a maneira de compreender o mundo e as experiências de contato com o sagrado mencionadas durante as entrevistas estavam fundamentadas, principalmente, em ensinamentos bíblicos. A valorização da existência humana, a satisfação com a vida, a crença de não pertencimento do mundo, a esperança e a possibilidade de relacionamento com o transcendente são constructos elaborados pelos membros do grupo a partir do estudo e da transmissão de mensagens e preceitos do livro sagrado dos cristãos. A interpretação e a compreensão desses ensinamentos produzem sentido e significam positivamente a vida dos participantes da pesquisa. Eles, por sua vez, buscam ensinar essa visão de vida aos adolescentes que lideram, dando continuidade ao trabalho de educação para a espiritualidade. Visto isso, pode-se questionar: Qual a relevância de uma educação para a espiritualidade?

A pesquisa de Fowler (1992) apresenta reflexões importantes para esse questionamento. Fowler e seus colaboradores entrevistaram 359 pessoas, com idades entre três e 84 anos, entre os anos de 1972 e 1981. Seu objetivo era compreender o desenvolvimento da fé. Após as análises das entrevistas, o autor afirmou que seu estudo sobre o desenvolvimento da fé “[...] confirma, o julgamento de que os seres humanos são geneticamente potenciados - quer dizer - são dotados no nascimento - com prontidão para desenvolver-se na fé” (FOWLER, 1992, p. 248). Para o referido autor, a fé está presente potencialmente no ser humano, como algo a ser desenvolvido, e tal constructo permite ao homem atribuir significado e propósito para a existência humana.

A perspectiva da educação integral também oferece subsídios para que se possa pensar na relevância da educação para a espiritualidade. Nesse sentido, a professora universitária e pesquisadora Leda Lísia Franciosi Portal (2007, p. 287) defende a construção de uma “[...] cultura educacional 'verdadeiramente integral', que reconheça a inseparabilidade do corpo, mente, coração e espírito”. Para Portal (2007, p. 287), a universidade deve oportunizar

[...] espaços de discussão e construção do conhecimento que ampliem a consciência de professores e alunos sobre a importância e necessidade de investimento nas Dimensões constitutivas do SER, enfatizando o estudo da menos desenvolvida delas – a espiritual.

Em concordância com a teoria de Fowler (1992), a autora considera que as pessoas não nascem com um sentido pré-concebido para a vida, mas que cada ser humano tem em si a capacidade de descobrir e cultivar um sentido pessoal e único para sua existência (PORTAL, 2007).

Assim, acredita-se que a educação para a espiritualidade pode oferecer subsídios para que o indivíduo construa interpretações e compreensões próprias ao significado da existência humana e o propósito para sua vida, elementos importantes para a construção de uma vida plena e feliz (PORTAL, 2008). Dessa forma, alude-se que essa característica da espiritualidade é um dos fatores de sua ação protetora, no caso, do uso de drogas. O escritor e teólogo católico Frei Betto, no artigo jornalístico em que comenta sua fala no *I Simpósio do Crack*, realizado pelo CEBRID da USP, aborda que

Todo “drogado” é um místico em potencial, alguém que descobriu o que deveria ser óbvio a todos; a felicidade está dentro e não fora da gente. O equívoco é buscá-la pela porta do absurdo e não a do Absoluto. Um pouco mais de espiritualidade cultivada nas famílias, sobretudo em crianças e jovens, e não teríamos tanta vulnerabilidade à sedução das drogas (FREI BETTO, 2013, n.p).

Diante disso, é possível refletir: De que forma se faz uma educação para a espiritualidade? Para Portal (2008), a formação espiritual é “[...] entendida fundamentalmente como a construção de uma base sólida de conhecimentos e informações relacionadas ao Sagrado, constituindo fonte privilegiada para o transcendente e o divino” (PORTAL, 2007, 62). A autora defende que essa é a direção para que o ser humano possa construir um conhecimento que “[...] transcenda e confira um significado a sua existência” (PORTAL, 2007, p. 62).

É possível que existam diversas maneiras de praticar a educação para a espiritualidade. Os dados desta pesquisa possibilitaram perceber a maneira como seis jovens de um grupo religioso vivenciam e praticam educação para a espiritualidade, especialmente por intermédio da leitura e estudo de textos sagrados, tanto de forma individual como em grupos, e também nos momentos de convivência dos líderes com seus discípulos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo destas considerações finais é destacar as questões centrais apontadas pelos capítulos anteriores e sinalizar possíveis cenários decorrentes de um eventual aprofundamento da pesquisa, apontando algumas contribuições não exploradas na dissertação, mas que, provavelmente, necessitam ser consideradas.

O referencial teórico discutiu o consumo e o tráfico de drogas no Brasil desde uma perspectiva sociológica, tentando averiguar as questões mais vinculadas às políticas de segurança pública e de saúde e bem-estar. No município de Canoas/RS, onde ocorreu o estudo de caso, na rede municipal de ensino, que atende crianças e adolescentes na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, existem indícios que apontam para a relevância de que seja realizado um estudo sobre a prevenção do uso de drogas nas escolas. Apesar de sua aparente baixa incidência, como demonstra o estudo Mira e Pauly (2015), a equipe de pesquisa e intervenção formada por Bertoi, Farias e Silva (2008, p. 39), com um grupo de professoras da rede pública de Canoas/RS, constatou serem “[...] poucos os projetos que buscam auxiliar na prevenção de DST’s/AIDS e abuso de drogas”.

Na revisão teórica desta dissertação, está evidente que os estudos não são suficientes para que se possa compreender os mecanismos envolvidos na relação entre religiosidade e o não uso de drogas, além de restarem questões a serem exploradas na compreensão desse importante fenômeno. Nesse sentido, esta pesquisa identificou quatro dimensões pedagógicas nas práticas religiosas de um grupo de adolescentes pertencentes a uma igreja evangélica do município de Canoas/RS, que poderiam atuar de maneira protetiva ao uso de drogas na adolescência. São elas: *educação para o apoio social*, *educação para a autorregulação*, *educação para o entretenimento consciente* e *educação para a espiritualidade*. Os resultados da pesquisa, considerando suas limitações, permitem inferir que é possível um trabalho pedagógico que proteja o adolescente do uso de drogas.

Dentre as dimensões pedagógicas identificadas na pesquisa, a *educação para a espiritualidade* pode constituir-se no maior desafio para as políticas educacionais e de proteção ao desenvolvimento integral da adolescência, já que tradicionalmente o âmbito da espiritualidade esteve principalmente sob responsabilidade das instituições religiosas. Contudo, defende-se que esforços devem ser realizados na

direção de proporcionar aos adolescentes subsídios para que construam conhecimentos relacionados ao Sagrado, de forma que cada sujeito possa trilhar seu caminho em direção à transcendência e à significação da vida. Nessa perspectiva, destaca-se que o desenvolvimento da espiritualidade pode ser relacionado com uma das finalidades da educação brasileira, conforme a Lei Nº 9.394/96, artigo 2º, que é proporcionar “[...] pleno desenvolvimento do educando [...]”.

Ainda, no momento da análise dos dados, constatou-se que todos os participantes da pesquisa declararam-se praticantes da fé cristã evangélica desde a infância, pois receberam educação religiosa de suas famílias. Corroborando o estudo de Dalgarrondo (2004), tal característica aponta para a relevância de mais pesquisas que investiguem as possíveis relações entre a educação religiosa na primeira infância com o não uso de drogas na adolescência e na vida adulta.

Outro aspecto relevante que emergiu durante a análise dos dados foi o perfil dos líderes do grupo investigado. O trabalho dos líderes tem caráter voluntário, encarado por eles com dedicação e zelo. Os dados fornecidos pela pesquisa não foram suficientes para que se pudesse conhecer a motivação pessoal dos jovens que assumem o papel de liderança no grupo; todavia, observando o contexto religioso da pesquisa, compreende-se que se trata de um ministério, ou seja, um trabalho eclesial cuja recompensa não pode ser limitada a fins financeiros. Tendo em vista que o papel dos líderes pode ser um ponto-chave para a eficácia da função protetiva da religiosidade no contexto estudado, considera-se necessário um estudo que investigue com mais profundidade essa temática.

Por fim, compreende-se que os resultados da pesquisa apontam a relevância do tema para a saúde pública e para a possibilidade da inserção das dimensões pedagógicas, encontradas nesse contexto religioso, em programas educativos de prevenção ao uso de drogas na adolescência e destaca-se a importância de que estudos semelhantes sejam realizados em outros contextos e grupos religiosos.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, A. J. de et al. O Adolescente e as drogas: consequências para a saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 4, p. 605-610, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452007000400008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000400008)>. Acesso em: 10 out. 2014.

AMATO, T. C. **Resiliência e uso de drogas**: como a resiliência e seus aspectos se relacionam aos padrões no uso de drogas por adolescentes. 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciência), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.

AMPARO, D. M. do et al. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 165-174, mai./ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/09.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2015.

ANDREOLA, B. A. Por uma pedagogia das grandes urgências planetárias. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 313-330, mai./ago. 2011. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/3050>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, L. M. R. Estado e educação em Martinho Lutero: a origem do direito à educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 866-885, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742011000300012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742011000300012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 29 jun. 2015.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BERTOI, J. M.; FARIAS, M. E.; SILVA, J. da. Trabalhando prevenção ao uso indevido de drogas e doenças sexualmente transmitidas (DST'S) com oficinas lúdico-pedagógicas na formação de professores. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 1, n. 2, p. 29-40, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

BRASIL. Constituição Federal, de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 05 jan. 1988. p. 1, anexo. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 1º abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Lei 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Seção 1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 1º abr. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Brasília, 2005. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0400\\_M.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2015.

CALVETTI, P. Ü.; MULLER, M. C.; NUNES, M. L. T. Psicologia da saúde e psicologia positiva: perspectivas e desafios. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 706-717, 2007.

CARLINI, E. A. et al. **VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio das redes pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID, 2010.

CASTILLO, J. A. G. del; DIAS, Paulo C. Auto-Regulação, resiliência e consumo de substâncias na adolescência: contributos da adaptação do questionário reduzido de auto-regulação. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 10, n. 2, p. 205-216, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v10n2/v10n2a04.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

CERQUEIRA-SANTOS, E. **Comportamento sexual de risco e religiosidade**: um estudo entre jovens brasileiros. 2008. 128 f. Tese. (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

COUTINHO, J. P. Religião e outros conceitos. Sociologia. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 24, p. 171-193, 2012. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2014.

DALGALARRONDO, P. et al. Religião e uso de drogas por adolescentes. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 82-90, jun. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462004000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462004000200004)>. Acesso em: 05 mai. 2015.

ELUF, L. N. As drogas e a Legislação Brasileira. In: PINSKY, I.; BESSA, M. A. (Org.). **Adolescência e Drogas**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 70-78.

FEIJÓ, R. B.; OLIVEIRA, E. A. de. Comportamento de risco na adolescência. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 77, n. 2, p. S125-S134, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54698/000386001.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

FERREIRA, T. C. D. et al. Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema drogas. **Interface**, Botucatu, v.14, n.34, p. 551-562, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n34/aop0810.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2014

FLORES, C. G. C; PAULY, E. L. Educação, desenvolvimento espiritual e superação do uso de drogas na infância e adolescência: algumas possibilidades para o avanço das pesquisas. **Competência**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 53-68, 2014. Disponível em: <<http://seer.senacrs.com.br/index.php/RC/article/view/143/193>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. O direito ao desenvolvimento espiritual e a superação da violência contra crianças e adolescentes. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 17, n. 2, p. 55-69, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/607/699>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

FOWLER, J. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FREI BETTO. Drogas e religião. **Brasil de fato: uma visão popular do Brasil e do Mundo**. Minas Gerais, 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.brasiledefato.com.br/node/11541>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALDURÓZ, J. C.; NOTO, A. R.; CARLINI, E. A. **IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes do 1º e do 2º graus em 10 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID, 1997.

GALDURÓZ, J. C.; NOTO, A. R.; FONSECA, A. M.; CARLINI, E. A. **VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID, 2004. Disponível em: <<http://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/10/VI-Levantamento-Nacional-sobre-o-Consumo-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-entre-Estudantes-do-Ensino-Fundamental-e-M%C3%A9dio-das-Redes-P%C3%BAblica-e-Privada-de-Ensino-nas-27-Capitais-Brasileiras.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

HILL, P. C.; PARGAMENT, K. I. Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality, implication for physical and mental health research. **American Psychologist**, Washington, v. 58, n. 1, 2003, p. 64-74. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/journals/amp/58/1/64.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

JULIANO, M. C. C. **Rede Família: Uma tecnologia social promotora de resiliência familiar e comunitária**. Rio Grande: Pluscom, 2014.

JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 135-154, 2014. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2014000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2014000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 abr. 2015.

LEMOS, T.; ZALESKI, M. As principais drogas: como elas agem e quais são os seus efeitos. In: PINSKY, I.; BESSA, M. A. (Org.). **Adolescência e Drogas**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 16-30.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

MARQUES, A. C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira Psiquiatria**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 32-36, 2000. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3794.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

MARQUES, L. F.; DELL'AGLIO, D. D. A espiritualidade como fator de proteção na adolescência. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, v. 7, n. 119, p. 1-18, 2009.

MARQUES, L. F.; SANTOS, E. C.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. (Org.).

**Adolescência e Juventude**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 77-108.

MILLER, W.; THORESEN, C. E. Spirituality, religion and health: an emerging research field. **American Psychologist**, Washington, v. 58, n. 1, p. 24-35, 2003.

Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/journals/amp/58/1/24.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

MILLS, C. W. **A Imaginação Sociológica**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MIRA, L. O. de; PAULY, E. L. As possibilidades de redução da violência escolar: Sistema de Registro de Situações de Violências nas Escolas de Canoas (RS).

**Revista Brasileira de Segurança Pública**, São Paulo, v. 9, p. 198-216, 2015.

OLIVEIRA, M. C. S. L de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, 2006.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

PEREIRA, S. E. F. N.; SUDBRACK, M. F. O. Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 151-159, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/03.pdf>>.

Acesso em: 09 out. 2014.

PESCE, R. P. et al. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 135-143, 2004.

PESSOA, A. S. G. **Trajetórias negligenciadas**: processos de resiliência em adolescentes com histórico de envolvimento no tráfico de drogas. 2015. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Ciência e Tecnologia (UESP), Presidente Prudente, 2015.

PORTAL, L. L. F. Educação para inteireza: um (re)descobrir-se. **Educação**, Porto Alegre, edição especial, p. 285-296, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/3564/2782>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. O sentido da existência humana: um olhar para cima na aventura do encontro interior. In: ENRICONE, D. et al. (Org.). **A docência na Educação Superior**: Sete Olhares. 2 ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008, p. 49-64.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas 1999.

SAPIENZA, G.; PEDROMÔNICO, M. R. M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-216, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a07>>. Acesso em: 06 mai. 2015.

SANCHEZ, Z. V. D. M. **As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas**: a experiência de grupos católicos, evangélicos e espíritas. 2006. 413 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, 2006.

SANCHEZ, Z. V. D. M.; NAPPO, S. A. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. **Revista Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, supl 1, p. 73-81, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/acp/article/view/17123/19124>>. Acesso em: 06 mai. 2015.

SANCHEZ, Z. V. D. M.; OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 43-55, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19822.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 599-605, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n4/25532.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2014

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. de S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SCHEIER, L. M.; BOTVIN, G. J.; BAKER, E. Risk and protective factors as predictors of adolescent alcohol involvement and transitions in alcohol use: a prospective analysis. **Journal of Studies on Alcohol and Drugs**, New York, v. 56, n. 6, p. 652-667, 1997. Disponível em: <<http://www.jsad.com/doi/pdf/10.15288/jsa.1997.58.652>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

SILBER, T. J.; SOUZA, R. P. de. Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer. **Adolescência Latinoamericana**, Porto Alegre, v.1, n. 3, p. 148-162, 1998. Disponível em: <[http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-71301998000300004&lng=es](http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71301998000300004&lng=es)>. Acesso em: 11 abr. 2015.

SILVA, K. L. da et al. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 14 n. 3, p. 605-610, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452010000300024&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452010000300024&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 out. 2014.

SILVA, R. A. da et al. Bem-estar psicológico e adolescência: fatores associados. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 5, p. 1113-1118, mai. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n5/13.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

SILVA, R. de P. et al. Relação entre bem-estar espiritual, características sociodemográficas e consumo de álcool e outras drogas por estudantes. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, p.191-198, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v62n3/03.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. 2. ed. Tradução de Luciane de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKY, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.

VIANNA, A. M., Estudo Introdutório às 95 Teses de Martinho Lutero. **Revista Espaço acadêmico**, Maringá, n. 34, mar. 2004. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/034/34tc\\_lutero.htm](http://www.espacoacademico.com.br/034/34tc_lutero.htm)>. Acesso em: 29 jun. 2015.

WASELFISZ, J. J. **Os jovens do Brasil: Mapa da Violência 2014**. Brasília: FLACSO, 2014.

WALSH, R. N. **Espiritualidade essencial**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

## APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UNILASALLE**  
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Para pais ou responsáveis legais

Senhores pais ou responsáveis:

Através do Curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle (Unilasalle), você está convidado a participar de uma pesquisa, intitulada *Adolescência, Religiosidade e Prevenção ao Uso De Drogas*, que tem por objetivo investigar as dimensões educativas das práticas religiosas que atuam positivamente na proteção ao uso de drogas na adolescência.

Conhecendo melhor a sua opinião, esperamos ampliar nossos conhecimentos acerca do tema e, a partir disso, oferecer subsídios para as políticas de atenção e prevenção ao uso de drogas.

A participação nesta pesquisa não traz nenhum perigo à vida do(a) adolescente sob sua responsabilidade. Não haverá nenhum tipo de recompensa financeira. Os dados da pesquisa são sigilosos, apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso.

A participação na pesquisa pode ser interrompida em qualquer etapa, caso ele(a) deseje.

Desde já, a pesquisadora Cristine Gabriela de Campos Flores (mestranda em Educação) e o pesquisador orientador responsável por esse projeto de pesquisa, Prof. Evaldo Luis Pauly, agradecem a sua participação e se colocam à disposição para informações, pelo telefone (51) 8620-4699 (Cristine) e e-mails [cristinegabriela@gmail.com](mailto:cristinegabriela@gmail.com) (Cristine) ou [evaldo@unilasalle.edu.br](mailto:evaldo@unilasalle.edu.br) (Prof. Evaldo).

Se você concorda com a participação do(a) adolescente sob sua responsabilidade neste estudo, gostaríamos que você preenchesse as informações abaixo.

Nome completo do responsável: \_\_\_\_\_

Nome completo do adolescente: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

**AGRADECEMOS A COLABORAÇÃO!**

## APÊNDICE 2 - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Para os jovens participantes da pesquisa

Olá,

Através do Curso de Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle (Unilasalle), você está convidado a participar de uma pesquisa, intitulada *Adolescência, Religiosidade e Prevenção ao Uso De Drogas*, que tem por objetivo investigar as dimensões educativas das práticas religiosas que atuam positivamente na proteção ao uso de drogas na adolescência.

Conhecendo melhor a sua opinião, esperamos ampliar nossos conhecimentos acerca do tema e, a partir disso, oferecer subsídios para as políticas de atenção e prevenção ao uso de drogas.

A participação nesta pesquisa não traz nenhum perigo a sua vida. Não haverá nenhum tipo de recompensa financeira. Os dados da pesquisa são sigilosos, apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso.

A participação no estudo pode ser interrompida em qualquer momento, caso você deseje.

Desde já, a pesquisadora Cristine Gabriela de Campos Flores (mestranda em Educação) e o pesquisador orientador responsável por esse projeto de pesquisa, Prof. Evaldo Luis Pauly, agradecem a sua participação e se colocam à disposição para informações, pelo telefone (51) 8620-4699 (Cristine) e e-mails [cristinegabriela@gmail.com](mailto:cristinegabriela@gmail.com) (Cristine) ou [evaldo@unilasalle.edu.br](mailto:evaldo@unilasalle.edu.br) (Prof. Evaldo).

Se você concorda em participar deste estudo, gostaríamos que você preenchesse as informações abaixo.

Nome completo: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

**AGRADECEMOS A COLABORAÇÃO!**



## APÊNDICE 3 - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

---

#### PERFIL DEMOGRÁFICO

---

Entrevista nº \_\_\_\_

Data \_\_/\_\_/2015

**1 Sexo:** F ( ) M ( )

**2 Idade:** \_\_\_\_

**3 Estado Civil:** \_\_\_\_\_

**4 Escolaridade:**

( ) Escola Municipal      ( ) Estadual      ( ) Particular

( ) Ensino Fundamental: \_\_\_\_ ano.

( ) Ensino Médio: \_\_\_\_ ano.

( ) Ensino Superior: Curso: \_\_\_\_\_

( ) Outro: \_\_\_\_\_

( ) Parou de estudar no \_\_\_\_ ano do Ensino \_\_\_\_\_

**5 Trabalha:** ( ) Não ( ) Sim

Qual função: \_\_\_\_\_

Renda (em média) \_\_\_\_\_

**6 Onde mora?**

( ) Com meus pais

( ) Com esposa/marido

( ) Sozinho

( ) Outro: \_\_\_\_\_

---

**PERFIL RELIGIOSO**

---

7 Há quanto tempo você frequenta a Igreja do Mover?

8 Você já frequentou outras igrejas? Qual?

9 Como você se aproximou da Igreja do Mover?

10 Além do grupo de jovens você participa de outras atividades da igreja? Quais?  
Com que frequência?

11 Do que você mais gosta na Igreja do Mover?

12 Os ensinamentos da Igreja do Mover são úteis para sua vida? Pode dar um exemplo?

---

**PERFIL SOCIAL**

---

13 O que costuma fazer para se divertir? Quem são seus amigos? Onde os conheceu?

14 Como é o seu relacionamento com sua família? (Pais, irmãos...)

15 Para quem você costuma pedir ajuda (conselhos) quanto necessita?

16 Você consegue imaginar a imagem que seus amigos não cristãos fazem de você? Como seria esta imagem?

17 Já teve ou tem contato com Drogas? Alguém já te ofereceu? Onde foi? Qual foi sua reação?

18 Você já usou ou experimentou? Com que idade? Qual droga? Qual a frequência de uso? Ainda usa ou parou? Por quê?

---

### **PRÁTICA COMO LÍDER**

---

19 Que papel você desempenha na Rede Jovem? Quais são as suas atribuições?

20 Quais são e como são organizadas as atividades destinadas aos adolescentes?

21 Que mensagens você considera importante transmitir aos jovens que participam da Rede Jovem?

22 Quais seriam as mensagens para os jovens que não são da igreja?

23 Você nota diferenças no comportamento e nas escolhas de um jovem religioso para outros jovens que não tem uma vida de fé? Pode contar um exemplo?

24 Você acha necessário abordar o tema drogas? O tema drogas é falado nos encontros com os jovens? Como o assunto é abordado?

---

### **OPINIÃO SOBRE O TEMA DROGAS**

---

25 O que você pensa sobre o problema das drogas na vida dos jovens de hoje no Brasil?

26 Na sua opinião, o que leva um adolescente a usar drogas?